

# Revolução



**PARTIDO REVOLUCIONÁRIO DO PROLETARIADO**



dos leitores

Porta-Voz do PARTIDO  
REVOLUCIONÁRIO DO PROLETARIADO

# ELEIÇÕES E ORGANIZAÇÃO PROLETÁRIA

**Camaradas:**

O mínimo que posso dizer... é reconhecer que ainda não paguei a assinatura deste ano do «Revolução». Como há uma razão válida para isso, digamos, para facilitar, que houve um conjunto de razões.

Houve...

A viragem à direita trazida pelo 25 de Novembro (está-me a parecer pouco correcta a utilização da expressão «viragem à direita»). Pressupõe que, até então, 25 de Novembro, se respirava esquerda em Portugal; e eu penso que a maior parte da movimentação de massas na altura, era simples agitação epidérmica, faz já os seus efeitos (e que efeitos!) num povo que só pode ter uma de duas alternativas sócio-políticas: FASCISMO OU SOCIALISMO:

...Donde que, a propalada social democracia à europeia só pode resultar em:

1.º Fase (Esta) Tremendo embuste a toda a população que não sabe se há-de acreditar ou não nesses arautos da «democracia», enquanto o dinheiro cada vez chega menos para comer;

2.º Fase (A que vem a seguir) — O regresso ao fascismo, sistema salvador da paz, da tranquilidade, da estabilidade económica, da ordem pública...

Na Alemanha de entre as duas guerras mundiais também foi assim. E o 28 de Maio de 1926,

em Portugal, foi isso mesmo.

Sabemos todos (ou todos devíamos saber) que a única força capaz de contrariar essa tendência histórica da burguesia (ou a própria dinâmica capitalista num determinado estágio do seu desenvolvimento) é a que representa o proletariado organizado.

E o proletariado começa a estar organizado quando os proletários começam a sentir (e sobretudo a fazer sentir) a sua consciência de classe. A sentir que têm que fazer os esforços necessários para levar a reboque (para a Revolução) os estratos sociais que são (podem ser) os seus aliados históricos.

E aqui (parece-me) chega-se à definição dos objectivos das organizações políticas consequentemente revolucionárias: **Desenvolver no proletariado a sua consciência de classe:** Não porque os proletários sejam burros e, portanto, incapazes de fazerem eles próprios esse arranque... mas porque o marxismo não nasce espontaneamente na cabeça dos proletários, por muito que isso custe aos camaradas M-L! O marxismo é uma ciência. Vem nos livros. E os proletários não têm o hábito de ler livros.

Todos os agrupamentos portugueses de esquerda dizem que sabem isto há já muito tempo. Que leram o Marx todo e o Lenine também.

Dizem saber que é importante fazer tudo para organizar o proletariado. Fortalecê-lo.

Então, a burguesia, (domado que foi o exército, com «os homens certos nos lugares certos»), impõe à esquerda o jogo eleitoral. A esquerda, ou aceita esse jogo ou... entra numa actividade de sapa que a burguesia (detentora dos mass-média) imediatamente faz denegrir aos olhos do povo. A esquerda aceita o jogo.

E aqui é que a merda cheira mais mal.

A dita esquerda vai de eleições como a associação distrital de futebol vai de campeonato: o benfca para ganhar o campeonato e o atlético para não baixar de divisão.

Cada um dos agrupamentos de esquerda vai isolado à corrida para a Assembleia Legislativa. Parece-me que apenas o P.R.P., não vai (coerência?) mas, deixem-me dizer-vos, camaradas: não sei se fizeram mais alguma coisa além de terem decidido não ir.

Esta «esquerda» não percebe que assim, sectários até à quinta casa, a única coisa que fazem é aumentar as percentagens de voto dos partidos de direita... e não conseguem, assim mesmo, cada um de per si, os votos necessários para encaixar no parlamento um único dos seus candidatos.

Mas... Se em 1926 os fascis-

tas tiveram em Portugal uma base social de apoio (Gomes da Costa entrou em Lisboa sem precisar de andar aos tiros), em 1976 essa base social de apoio já não existe para os fascistas; pelo que Spínola (um

qualquer Spínola, porque há vários) já não pode entrar em Lisboa sem tiros. O proletariado, ultrapassada a «guerra dos partidos», começa a organizar-se. Felizmente!

F.S.

## PARTIDO REVOLUCIONÁRIO DO PROLETARIADO SEDES

SEDE CENTRAL — Rua Castilho n.º 70, Lisboa  
Tel. 573520/573640/573717/573670

JORNAL «REVOLUÇÃO» — Rua Castilho n.º 70, Lisboa  
Tel. 573520/573640/573717/573670  
DELEGAÇÃO DO NORTE  
Rua Álvares Cabral, 110. PORTO

### LIVRARIAS REVOLUÇÃO

#### CABO RUIVO

Rua do Vale Formoso de Lima, 127-A. Horário — das 12 às 14 horas e das 16.30 às 24 horas.

#### ODIVELAS

Rua D. Nuno Álvares Pereira, 3-D. Horário — das 12 às 20 horas.

#### ORG. REGIONAL DO NORTE

PORTO — Rua Álvares Cabral, 110 VIANA DO CASTELO — Rua de Tel. 315750/315786 Altamira, 102 Tel. 24230

MATOSINHOS — Rua Conde de S. Sai. BARCELOS — vator, 374  
Telefone: 931925

#### ORG. REGIONAL DO CENTRO

COIMBRA — Rua Eça de Queirós, nº 33 COVILHÃ — Rua Visconde da Corticeira, n.º 60 — Tel. 25542  
MARINHA GRANDE — Rua Marques de Pombal, n.º 65 CASTELO BRANCO — Rua de Santa Maria, 10  
S. JOÃO DA MADEIRA — Rua Jaime Afrelho, n.º 142  
ARÇA — Tel. 92169 Telefone: 24149

#### ORG. REGIONAL DE LISBOA

LISBOA — Av. da República, n.º 40 SACAVÉM — Largo 5 de Outubro, nº 16-17 Tel. 2512807  
ALGÉS — Rua Victor Duarte Pedrosa, n.º 15 — Algés de Cima Tel. 2100337 AMADORA — Rua Gonçalves Ramos, n.º 40 Tel. 939525  
PAREDE — Rua Gomes Freire de Andrade 1 Tel. 2474142 CACÉM — Rua de Paço de Arcos, Lote 16

#### ORG. REGIONAL DA MARGEM SUL

SETÚBAL — Rua Jorge de Sousa (Colégio Frei Agostinho da Cruz) COVA DA PIEDADE — Estrada Nacional, n.º 10 Tel. 2763267 / 2763397 / 2763122  
BARRIEIRO — Rua dr. Eusébio Leão, n.º 31 Tel. 2076745 QUINTA DA LOMBA — Rua de Goa, 21-A  
LAVRADIO — Rua dr. José Carcano Lobo, n.º 12 SINES — Rua Marques de Pombal, n.º 86

#### ORG. REGIONAL DOS ALENTEJOS

EVORA — Largo do Chão das Covas, n.º 21 Tel. 24998 BEJA — Rua Alexandre Herculano, n.º 29 Tel. 24594

#### ORG. REGIONAL DO ALGARVE

FARO — Rua Teixeira Guedes, 35 OLHÃO — Rua 18 de Junho, n.º 64-B-C  
LOULÉ — Av. José da Costa Mea- tha, n.º 39-1.º Tel. 63043 FERRAGUDO — Rua 1.º de Maio  
PORTIMÃO — Rua 5 de Outubro, 17

#### UNIVERSIDADE PROLETÁRIA

LISBOA — Av. 5 de Outubro Tel. 770017

# Revolução

Revolução

## Assinatura

Queiram considerar-me assinante na modalidade abaixo assinalada:

NOME .....  
MORADA .....  
LOCALIDADE .....  
PROFISSÃO .....

Semestral — 90\$00  Anual — 180\$00  PAGAMENTO

### Estrangeiro

Semestral — 300\$00  Anual — 600\$00  Em cheque   
Em vale



# JULGAMENTO DO "REVOLUÇÃO" NO DIA 18 DE MAIO

A directora do jornal «Revolução» vai a julgamento no dia 18 de Maio. Este processo, até à data o único dum jornal partidário, corre no tribunal com a nota de «urgente», a qual demonstra bem a determinação do poder em atingir este jornal, o P.R.P., e os seus dirigentes.

Estes processos lembram bem os métodos empregados pelo fascismo, que procurou sempre coartar a liberdade de informação, escudando-se

atrás de todo o legalismo que lhe era possível.

Mantendo-se em regime de liberdade vigiada, a directora do «Revolução» tem sido obrigada a comparecer todos os dias 5 e 20 de cada mês no tribunal.

Entretanto, ao processo inicial instaurado a propósito do jornal «Revolução» nº 58, juntou-se um novo processo, instaurado a propósito do jornal nº 65. Os dois serão julgados no dia 18.

Para elucidação dos novos leitores transcrevemos a cópia da acusação.

## CÓPIA DA ACUSAÇÃO

Cópia da acusação proferida nos autos do processo correcional nº 603/76, em que é ré Maria Isabel Augusta Cortes do Carmo, Directora do Jornal «Revolução»:

Requeiro julgamento em processo correcional da arguida Maria Isabel Augusta Cortes do Carmo, casada, médica, de 35 anos de idade, residente na Rua Castilho, nº 70, em Lisboa (id. a fls. 12).

Porque, sendo directora do jornal semanário «Revolução» publicou no nº 65 daquele periódico, edição de 19-2-76, os artigos intitulados «Um Exército Profissional?» a pag. 3 e «Congresso do PDC — o Banquete fraco dos vampiros» a pag. 4, dos quais se presume autoria nos termos do nº 3 do artº 26º do Dec. — Lei nº 85-C/75 de 22 de Fevereiro.

No primeiro daqueles artigos inseriu as seguintes referências que

podem por em risco a disciplina e coesão das forças armadas e o cumprimento dos deveres militares e tem carácter boateiro contendo informação errada, deturpada e alarmista: «A reconstrução do Exército anunciada por Ramalho Eanes quer transformar-se numa força de repressão para se abater sobre os operários e camponeses. Por isso, os soldados, a pouco e pouco, serão substituídos por marginais e assassinos pagos a preço de ouro (como está a acontecer nos Comandos, P.M., Pára-quedistas, etc.), para formar uma força nazi, condição necessária para o regresso ao fascismo».

Existem ainda naquele artigo referências que constituem informação errada relativa a saneamento de **todos** os militares progressistas, sendo certo que a análise da situação militar ali versada é, no conjunto, susceptível de provocar alarme nos leitores do periódico e constitui uma visão deturpada da realidade actual.

No artigo intitulado «Congresso do PDC — O Banquete fraco dos Vampiros» a arguida alude à GNR, corporação com autoridade pública, em termos ofensivos quando diz «lá estava a GNR generosa na protecção da burguesia, a guardar aqueles de quem é lacaia» e ainda «A extrema direita, os fascistas sentem que o Governo lhes é propício a nível do poder». Eles sabem que as armas e os homens que a GNR recebeu são para os defenderem, para protegerem os seus comícios e manifestações...

Tais frases alusivas à GNR são ofensivas da sua honra e consideração.

## A nostalgia da FNLA e da UNITA?

Quando o povo angolano se levantou em armas contra o colonialismo português e o imperialismo, uma das táticas deste foi a de criar movimentos fantoches que combatessem o MPLA, pretendendo iludir as massas populares angolanas, para que o imperialismo não perdesse as suas posições.

Quando Acácio Barreiros, dirigente da UDP, em entrevista a «A Capital» de 4/5/76 afirma que a actuação do Governo português foi incorrecta pois apoiou «um determinado movimento contra outros», a quem se refere? Só pode ser à FNLA e à UNITA.

Então, Acácio Barreiros, sem discutir a autenticidade desse apoio, chama de movimentos de libertação à FNLA e à UNITA quando, são mais do que conhecidas as suas ligações não só com o imperialismo, a África do Sul, o ELP, como com o fascismo português.

Num partido que se diz defender o povo e lutar pela democracia popular, fazer semelhante afirmação, só pode ser por duas razões. Ou um desconhecimento total do papel da FNLA e da UNITA em Angola, ou a submissão das suas posições face à estratégia internacional de outro país.

Falar de quem não se deve apoiar nenhum movimento e, agora, andar a apoiar a OCA, também não se percebe. Agora já não é ingerência? (Lembramos o triste e recente comunicado comum OCA/PCP(R)).

Curioso é verificar que (e os partidos e grupos portugueses que se reclamam de «m-l») deveriam reflectir nisso), muitos dos seus argumentos e concretamente no caso de Angola a sua tática são semelhantes aos da burguesia, aos do imperialismo. O mínimo que se pode pensar disto é que a burguesia, na actual situação, é capaz de se servir dos seus argumentos «para os virar».

## NOTAS BREVES

FERREIRA DA CUNHA LIBADO

Segundo o jornal «O Dia» de 7/5/76, «o Conselho da Revolução já se pronunciou sobre o inquérito mandado instaurar ao tenente-coronel Ferreira da Cunha», foi mandado arquivar porque **nada se apurou contra o referido oficial.**

Encobrem-se uns aos outros. É mais uma provocação aos trabalhadores portugueses e mais concretamente aos trabalhadores do Ministério da Comunicação Social que lutaram pelo seu saneamento, não queriam trabalhar com membros da «superpide» de Marcello Caetano.

É mais um a juntar à libertação dos pides, à libertação dos Kaulzas e demais fascistas.

Só falta virem dizer que quem teve culpa de tudo foi o Salazar e que, como esteve já morto, o melhor é esquecer tudo.

## COMO É POSSÍVEL

No dia 7/5/76, Vasco Lourenço fez mais um discurso, desta vez aos militares da EPAM.

O ponto fundamental do seu discurso foi a interrogação: «Como é possível neste momento, contrariamente ao estabelecido na Constituição portuguesa, o fascismo ter voz, neste País, através dos mais variados meios de comunicação social, que não deixam de aparecer à luz do dia, com uma impunidade escandalosa, mercê da quase passividade das entidades a quem pertence actuar?»

De «como é possível» sabem-no os soldados e quem falou e os trabalhadores. Pois não é só o «fascismo ter voz», é o fascismo actuar, preparar o seu regresso.

Como todos os burgueses, escamoteia as situações concretas. Quem, antes do 25 de Novembro, se serviu desses mesmos órgãos? Não foi depois do 25 de Novembro que, face a uma situação concreta, os fascistas sentiram mais forças para avançar?

Só aqueles que não compreendem e aqueles que pretendem esconder que o 25 de Novembro foi um golpe reaccionário é que se atrevem a pôr semelhantes questões.

## INVENCIONICES DE QUEM?

Vitor Alves declarou que o CR seguia com muita atenção as reportagens de Walfarr, as provas de que tudo é verdade são muitas, só o brigadeiro Pires Veloso continua a desmentir. Segundo Pires Veloso é «uma brincadeira não sei de quem», «para mim foi uma invenção jornalística, uma manobra esquista».

Quando há factos mais do que comprovados, vir falar em «invenção jornalística» é ter descaramento a mais. Que não pretendem que tudo se esclareça é mais do que evidente. Aliás, a burguesia sempre que não pode violar as suas próprias leis, utiliza os seus meios e apaga tudo.

## OS BARRETO DO «EXPRESSO»

O jornal «Expresso» elaborou uma sondagem que parece muito complicada, muito técnica, com muitos quadros, com uma grande aparência de jogo limpo! Mas o seu objectivo resume-se ao seguinte: ser mais um elemento de apoio à candidatura de Ramalho Eanes. Aí se demonstra por A mais B, com números, com estatísticas, que esse é que é o homem com as qualidades devidas.

Pelo caminho vão-se demonstrando outras coisas. Por exemplo que Otelo e Vasco Gonçalves são pouco conhecidos em certas regiões do País! E aí atinge-se o cúmulo de vigarismo.

Pois o que é que nos parece?

Que na região litoral Norte, por exemplo, Otelo só é conhecido por 59 por cento das pessoas e Vasco Gonçalves por 60 por cento... Isto é, 4 em cada 10 pessoas a quem se perguntar «conhece Otelo? Conhece Vasco Gonçalves?» não os conhecem... Mas que barretes é que nos querem enfiar? E que, nessa mesma região, Freitas do Amaral é conhecido por 56 por cento das pessoas e Sá Carneiro por 66 por cento. Ou seja, que Otelo é mais conhecido do que Otelo e Vasco Gonçalves! Mas a quem é que querem enganar com isto? A burguesia? Essa não precisa de tanto paleio para ir votar em Eanes.

A quem e como é que foram feitas as perguntas de sondagem? Nalgum asilo de doentes mentais? E, mesmo assim...

## A "EXTINÇÃO" DO MDLP

Segundo veio nos jornais diários a já tão falada extinção do MDLP acabou por se fazer.

O MDLP teria acabado por considerar «terminada a missão», «uma vez que estão criadas em Portugal as condições para uma autentica democracia».

É a nova fase do avanço dos fascistas.

Ao mesmo tempo que se falou na extinção do MDLP, que não passa de uma farsa para que possa jogar todas as suas cartas na legalidade burguesa, Kaulza de Arriaga aparece como potencial candidato à Presidência e fala-se que Spínola virá para Portugal.

Dizem que será julgado, sim acreditamos, da mesma maneira que o foi Sanches Osório, que anda para aí a fazer o que lhe apetece, dos Pides que até saem para o estrangeiro, que os militares que fizeram o 11 de Março e que estão a ser reintegrados.

O MDLP extingue a sua fachada de bombista (não deixando de por bombas), sente que tem os aparelhos que necessita para se fortalecer no sentido que deseja.

É o avanço pela via legal do CDS e o PPD, é o avanço ao nível militar dos seus correligionários. Para que andarem clandestinos se tem tanta força ao nível do poder militar. As contradições do actual poder não lhe são empecilho. Vasco Lourenço admira-se do fascismo ter voz na Imprensa, Costa Gomes afirma que Kaulza de Arriaga é a candidatura da extrema-direita, mas são incapazes de os combater pela sua condição de classe.

São os trabalhadores em armas, será o Poder Popular armado, em aliança com os soldados que se poderão opor a mais esta manobra que é feita para os esmagar. É a luta revolucionária anticapitalista das massas trabalhadoras que esmagará o fascismo, porque só ela é capaz de avançar decididamente, sem conciliações com o fascismo.



e a actualidade nacional

COSTA GOMES

# O "fenómeno" do reformismo

Costa Gomes, que deverá passar à reserva em fins de Junho, declara ao «Comércio do Porto»: «segundo a lei eu tenho de passar à reserva, a não ser que se dê qualquer fenómeno e que me utilizem. De resto, estou pronto a continuar a servir o regime e a Revolução, porque entendo que a Revolução ainda está no seu princípio», ao mesmo tempo que diz manter a sua posição de não se candidatar.

Costa Gomes foi o homem que, nas últimas semanas, tinha sido lançado pelo reformismo, para as eleições presidenciais. As razões são claras. Foi Costa Gomes que veio a público defender que o próximo Governo deverá ser de coligação, concretamente, uma aliança entre o PS e um partido à direita e outro à esquerda.

No entanto, Costa Gomes, ao longo das suas declarações públicas, um ponto foi sempre tocado: «evitei a guerra civil, não só de uma vez, mas de várias, como evitei muitas greves neste país que não sei bem onde poderiam conduzir».

É assim que, Costa Gomes aparece como homem sensato e com experiência que, devido às dificuldades, deveria ser o candidato capaz.

Com a candidatura de Costa Gomes, o que estava em causa, era a possibilidade de o reformismo impôr um candidato que, ao mesmo tempo

que fosse capaz de refrear o desejo das bases de apoiar Otelo, conseguisse ter o apoio da ala esquerda do PS e não pudesse ser atacado frontalmente pela direcção do PS.

Para o reformismo, Costa Gomes era a pessoa que poderia cumprir essa tarefa. Mas este só aceitaria a candidatura, caso conseguisse ter grandes hipóteses de ser eleito. Isto só poderia acontecer se, face a uma situação concreta, Costa Gomes se impusesse como a personalidade capaz de resolver.

É assim que se percebe a razão pela qual Costa Gomes vem falar em «fenómeno» e afirma sobre os próximos tempos que: «Não nos convencemos, porém, que o tempo que vem é fácil. Não, é um tempo difícil».

A Imprensa controlada pelo reformismo, trabalha desde há muito neste ponto. Mas, para o PS, Costa Gomes não é um candidato que seja possível apoiar.

Mas, se ao PS era difícil manter a sua unidade interna quanto a um possível apoio a Costa Gomes, devido aos ataques que a ala direita lhe vem fazendo, quanto a Pinheiro de Azevedo o problema já é diferente.

Muitas das bases do PS poderão apoiar Pinheiro de Azevedo, nas bases do PC é que não vão nisso.

E, assim, se com Pinheiro de Azevedo se resolveria o problema de um vazio, pelo menos da base do PS, o



«Chico — Tal...» era o que se podia ler na página correspondente à letra C da agenda de Spínola, encontrada a 11 de Março junto dos seus fatos. Chico, Francisco da Costa Gomes, amigo de sempre, soube voltar à esquerda no 11 de Março, para mais tarde voltar à direita no 25 de Novembro.

É a «corrida em zigue-zague», aconselhada na tropa para se fugir aos tiros inimigos...

que era mais difícil era fazer as bases do PC apoiá-lo.

Pertanto, e apesar da direcção nacional do PS apoiar Ramalho Eanes, o reformismo vai continuar a jogar, de modo a tentar eleger um candidato que lhe seja favorável ao nível da formação do próximo Governo. E, en-

quanto se apresenta como cada vez mais provável a candidatura de Pinheiro de Azevedo, Costa Gomes continua a apresentar-se como o homem capaz de fazer a unidade, de resolver os problemas difíceis e continuar a não excluir o «fenómeno» que o poderá levar a tornar-se no candidato ideal e contestado.

## A LUTA ENTRE FACÇÕES MILITARES

Com a possibilidade de Ramalho Eanes se candidatar à presidência, a luta pela hegemonia dentro das Forças Armadas, disputada entre os democratas-burgueses do «Grupo dos Nove» e entre a ala fascizante, agudizou-se.

O homem que irá substituir Eanes, será uma pedra chave, para uns ou para outros.

Quando se levantou o problema de se realizarem, ou não, eleições para o C. R., a disputa entre as duas facções tornou-se clara. Era nítida a

manobra da ala fascizante para o afastamento do «Grupo dos Nove» do C. R.

Com o golpe reaccionário do 25 de Novembro, as duas facções uniram-se para afastar os militares revolucionários mas, esta união durou pouco tempo, como não podia deixar de ser. Têm projectos diferentes.

Para a ala fascista, trata-se de recuperar todos os privilégios da burguesia, de esmagar os trabalhadores, pelo que, precisa de controlar perfeitamente todos os órgãos de repressão do Estado Burguês. Para o «Grupo

dos Nove» o problema é manter a situação, é estabilizá-la, é construir a democracia burguesa, não atacando frontalmente os trabalhadores em algumas das suas conquistas, a não ser quando eles põem o problema do Poder de Classe.

### O SUBSTITUTO DE EANES

Assim, surgiram vários nomes para substituir Eanes no cargo de CEME. Para a ala fascista o homem de confiança era, claramente, Firmino Miguel. Mas este não servia ao «grupo dos Nove».

O homem escolhido para substituir Eanes é o brigadeiro Rocha Vieira que o jornal reaccionário «O Dia» caracteriza da seguinte maneira: «graduado em brigadeiro no período «gonçalvista» para dirigir a arma de engenharia e que, anteriormente prestava serviço em Macau, como chefe do Estado Maior do governador, coronel Garcia Leandro».

Que este homem não agrada completamente à ala fascista e à burguesia que a sustenta ideologicamente, é claro. Por exemplo, no citado jornal, numa carta de José Sampaio, pode ler-se: «Como não devo apoiar Eanes. Pela simplíssima razão de não querer ver regressar às Forças Armadas o clima de perfeita «rebaldação» de antes do 25 de Novembro», e isto,

porque segundo ele, a manobra é só tirar Eanes de CEME e pôr lá outro.

### A CONCILIAÇÃO

Mas, não se pense que isto é uma vitória completa do «Grupo dos Nove».

Para já, segundo ainda o mesmo jornal, «gerava-se certo descontentamento, sobretudo nos meios operacionais e nas Unidades de província» à nomeação de Rocha Vieira e que os que têm apoiado a candidatura de Eanes «aguardavam, para o substituir na chefia do exército, o cor. M. Firmino Miguel, homem do 25 de Abril e um dos principais obreiros da contenção do golpe comunista do 25 de Novembro, o qual foi eleito, recentemente, para o conselho de Armas».

Depois, segundo o «Jornal Novo» Rocha Vieira declara que assumiria o cargo interinamente. Além disto, e o que demonstra bem que a solução é de conciliação entre as duas facções, não haverá qualquer modificação nos gabinetes de Eanes, nem mudança na linha que este estava a seguir.

Para os trabalhadores e os revolucionários, isto mostra claramente que o «Grupo dos Nove» não tem a força que alardeava: o mais que conseguiu foi uma solução de compromisso, e que a ala fascista tem cada vez mais força para regatear as posições de chefia.



Ramalho Eanes no Regimento de Comandos a 10 de Fevereiro de 1976. uma boca cortada à faca, uns óculos escuros, uma expressão de pedra, um uniforme impecável. Um homem de raça pura... Enfim, um sólido defensor da burguesia.



## EDIFER

# UMA LUTA QUE JÁ VEM DE LONGE

A Edifer é uma das principais empresas de construção civil do País. A sua luta já vem de 74, e recordá-la é também reviver o que foi o duro combate dos trabalhadores da construção civil ao longo de todo este tempo. A sua comissão de trabalhadores, sistematicamente caluniada pelos reformistas, contribuiu bastante para o avanço da luta neste sector de actividade. Foi com um elemento seu que falámos no passado dia 10

## A EDIFER E O COMEÇO DA LUTA

O camarada começou por referir como se iniciou a luta na sua empresa:

— A nossa antiga comissão coordenadora nasceu mais ou menos em Novembro de 74, para a luta reivindicativa. Fizemos um caderno reivindicativo onde pedimos basicamente a verticalização da empresa. Foi apresentada à administração no dia 25 de Janeiro para nos ser dada uma resposta em meados de Fevereiro.

«Entretanto verificámos que sozinho não teríamos força suficiente para avançar com um caderno reivindicativo daquela natureza. Então iniciámos contactos com comissões de trabalhadores de outras empresas da construção civil, e pedimos ao Sindicato da Construção Civil de Lisboa para nos marcar uma reunião com as CTs contactadas por nós. Essa reunião (com cerca de 22 comissões) iniciou-se com o objectivo de divulgar o nosso caderno reivindicativo para que ele fosse também reivindicado pelas comissões de trabalhadores presentes, mas elementos da Intersindical conseguiram boicotá-la. Era o problema do dirigismo da Inter, que não permitia que se tomassem iniciativas de luta fora do seu controlo.

## SÃO BENTO

E o camarada continuou: — A partir de Setembro de 75 começou a nascer a perspectiva da luta pelo contrato colectivo de trabalho da construção civil, que até aí tinha estado só na gaveta. Nós, Edifer, começámos a contactar outras CTs nesse sentido. Fizemos uma reunião onde estavam presentes 32 comissões de trabalhadores e 7 direcções de sindicatos, e decidimos começar o processo de luta pelo CCT. A posição era de que se iniciassem as negociações até ao dia 20, e se isso não se efectuasse a Construção Civil entraria em greve progressiva. Por essa altura o ministro do Trabalho não conseguiu fazer comparecer os patrões, e portanto marcou-se o início da luta para o dia 20.

«Depois de algumas reuniões e discussões, a Comissão Negociadora do CCT acaba por decretar a greve. Como sabem, paralisou-se no dia 10 às oito horas da manhã, no dia 11 parámos o trabalho e no dia 12 viámos para a rua, para São Bento.

«Depois de vários impasses, o Primeiro-Ministro assina uma acta elabo-

rada somente por elementos da Intersindical e da Comissão Negociadora. Esta assinatura fez cantar vitória à direcção do Sindicato. Nós, CT da Edifer, não aceitámos essa acta e fizemos uma moção que não chegou a ser aceite nem lida aos microfones, e que dizia que a assinatura do Primeiro-Ministro não tinha força nem valor, uma vez que dadas as condições em que ela foi assinada (sob a pressão dos manifestantes) o Conselho de Ministros ou o Conselho da Revolução podia com a maior das facilidades anular a acta.

«No entanto a acta ficou de pé: gritou-se da varanda que tínhamos a vitória na mão, e todos os trabalhadores gritaram também vitória. Para nós a acta foi a arma desmobilizadora da greve: ela foi feita conscientemente pela Intersindical e pela Comissão Negociadora no sentido de desmobilizar os trabalhadores de São Bento.

— Com a absoluta cumplicidade dos reformistas, não? — perguntámos.

— Penso que o fizeram com consciência do que estavam a fazer. Nós, CT da Edifer, contactámos depois outras comissões para lhes fazer ver que a acta tinha sido uma autêntica traição aos trabalhadores, não só pela parte do Primeiro Ministro, mas também pela parte da Comissão Negociadora e da Intersindical — concluindo, pelo PC. Isto trouxe-nos alguns dissabores e ataques de diversa ordem por parte dos reformistas, e acabámos por desmobilizar um bocado.

— Que conclusões tiras da luta de São Bento?

— Para nósouve uma coisa importante na greve: foi a consciencia de classe que os trabalhadores adquiriram, mesmo que não tendo havido uma vitória material. Temos conseguido fazer uma luta daquelas, sem partidos políticos a dirigirem-nos, foi para nós uma grande vitória.

— Que se passou então depois disso?

— Desde 25 de Novembro até agora os sindicatos mostraram-se parados e inactivos. Em Março de 76, quando acabou o congelamento da contratação colectiva, nós avançámos outra vez, e avançámos por Setúbal com a formação da CLACC (Comissão de Luta de Apoio à Contratação Colectiva). Fizemos uma reunião onde estavam presentes cerca de 30 ou 40 comissões de trabalhadores (incluindo algumas de Lisboa), onde foi então eleita a CLACC (em 19/2/76), que tinha como objectivo dar apoio à luta pela contratação colectiva, em Março.

## A ÚLTIMA TENTATIVA DE GREVE

— E o que se passava com os sindicatos?

— Entretanto os sindicatos reunem no Porto, e quase todos os que subcreviam o Contrato aprovaram a greve, salvo erro para o dia 22 de Março. A CLACC desenvolveu o seu trabalho de mobilização fazendo plenários em toda a área, do distrito de Setúbal, enquanto que em Sines se fez um plenário com os trabalhadores da área, onde numa só palavra eles disseram sim à greve pelo CCT, em 22 de Março.

«Estava tudo decidido, e num plenário de delegados sindicais e de CTs realizado em Lisboa na INATEL (onde a Edifer estava presente) aprovaram-se as normas de luta. Mas as manobras não se fizeram esperar: depois da Intersindical ter aceitado a greve, 4 elementos da Comissão Negociadora decidiram, após a terem aprovado, dizer não à greve, chegando mesmo a chamar-lhe divisionista. Fizeram sair um comunicado na imprensa dizendo que a greve favorecia as forças de direita, desmobilizando assim os trabalhadores.

— E a CLACC?

— A CLACC não aceitou esta posição, e os sindicatos iniciaram uma campanha de calúnias individuais contra os elementos mais activos. Os outros camaradas ficaram um pouco atrapalhados, e com o continuar das calúnias e das manobras dos reformistas, estes conseguiram destruir a CLACC, que se dissolveu.

## OS SINDICATOS COMO INSTRUMENTOS DE LUTA

— O que pensas dos sindicatos como instrumentos de luta dos trabalhadores?

— Os sindicatos não souberam conduzir o processo. Perante isto, a luta da construção civil parou. É o que se vê por aí: toda a gente desmobilizada, sem vontade para nada. E daqui pensamos que os trabalhadores da construção civil já não se mobilizarão mais no que respeita a sindicatos. A nossa organização sindical está completamente podre. São os próprios trabalhadores que dizem que o Sindicato só lhes anda a roubar dinheiro. Perante isto pensamos que com muita urgência o Sindicato da Construção Civil tem de ser modificado: ou a sua Direcção faz um trabalho de base, um sindicalismo de base, levando o Sindicato junto aos trabalhadores, ou então terá de sair de lá para fora porque não está a servir os trabalhadores mas sim a trai-los. Esta é a posição da comissão de trabalhadores da Edifer em relação, à Direcção do Sindicato de Lisboa e Setúbal, que são os que conhecemos melhor. Não tem nenhum apoio da nossa parte porque estamos a ser atraídos por eles todos os dias e a toda a hora.

(10/5/76)

## Luta dos Trabalhadores

Cada vez mais perto das eleições presidenciais, onde as várias posições já se definem, quando o reformismo mais uma vez está a traír com tentativas de conciliação, e quando o movimento popular é essencial para poder impôr uma determinada linha de luta durante todo este período pré-eleitoral em que a imprensa burguesa só fala em candidatos e quase esquece totalmente o motor de tudo (os trabalhadores); nesta altura em que do movimento popular depende a estruturação de uma candidatura revolucionária que garanta o avanço de todas as conquistas das massas trabalhadoras, estas continuam lutando contra o patronato, pelo direito ao trabalho, pelo Poder Popular. Passamos a seguir mais algumas das lutas desenvolvidas pelos trabalhadores de todo o país, durante esta última semana:

### COOPERATIVA ENCERRADA

Pelas forças da «ordem» (GNR de Algueirão — Mem Martins) foi encerrada, com expulsão de crianças, professores e outras pessoas que se encontravam dentro do edifício da Cooperativa de ensino «A Papoila» em Mem Martins. A ordem de encerramento terá sido dada pelo tribunal de Sintra... É assim que as estruturas jurídicas da burguesia vão actuando desde que tenham as costas quentes.

### PROLIMPE

Empresa especializada no fabrico de produtos de beleza. O patrão quis despedir 3 trabalhadores, ao que os outros responderam com a sua unidade e organização, tomando conta dos carros de transporte, não deixando sair material, até à readmissão dos seus camaradas. Ao mesmo tempo exigiram controlo sobre a gestão financeira da empresa. O patrão começou por tentar o desvio de material sem facturas mas, no dia 12 de Maio, cedeu quanto à readmissão dos trabalhadores despedidos. A luta continua pelo controlo da gestão financeira da empresa e pela readmissão de um camarada delegado sindical suspenso.

### ENI — ELECTRICIDADE NAVAL E INDUSTRIAL

Cerca de 1080 trabalhadores em greve de duas horas diárias há uma semana. Exigem o pagamento da gratificação da Páscoa e fazem exigências também quanto ao esquema de turnos rotativos. Os trabalhadores já ficaram bem a sua posição; ou a entidade patronal cede e a greve pára, ou entrarão numa segunda fase de luta com 4 horas de greve diárias.

### TAGOL — EMPRESA DE EXTRAÇÃO DE OLEAGINOSAS EM ALMADA

A direcção, de há tempos para cá, que como muitas outras direcções e administrações pretende acabar com a Comissão de Trabalhadores.

### MADEIREIROS

Os trabalhadores da indústria de madeiras decidiram entrar em greve a partir do dia 20 para forçarem o patronato a aceitar o pagamento do subsídio de férias no C.C. Os trabalhadores tomaram esta decisão em Plenário com centenas de presenças.

### CERÂMICA DE COIMBRA

Os operários de cerâmica da indústria de Coimbra decidiram começar com uma greve progressiva, a partir do dia 10 do corrente, como forma de resposta ao impasse provocado pelas entidades patronais na discussão do CCT.

### RENELISBOA

Os trabalhadores da Renelisoa empresa nacional de revestimentos, exigem o direito ao trabalho. Os administradores abandonaram a empresa no seguimento dos trabalhadores terem readmitido, 9 colegas suspensos arbitrariamente, um dos quais ameaçado de despedimento.



nos campos

# DESOCUPAÇÕES

## — A REFORMA AGRÁRIA E O AVANÇO DA BURGUESIA

A burguesia tinha de encontrar formas de conter a luta dos trabalhadores e de a absorver

Dado que o processo desencadeado pelos trabalhadores é um processo violento, a burguesia teria que encontrar ou formas subtis através de uma legislação que apregoam de defesa da Reforma Agrária, ou através de um processo repressivo violento

Na impossibilidade de usar, neste momento esse processo violento (porque não tem forças nem viria em abono do fortalecimento da sua base social e porque não está organizada para actuar dessa maneira) a burguesia actua como sempre: enganando os trabalhadores, criando a defesa do capital, dizendo que isto é a defesa dos trabalhadores.

Assim surge, primeiro, o processo das ocupações em que os trabalhadores e sobrepõem ao poder burgues, desenvolvendo uma luta imparável que é consolidada com as ocupações e respectiva gestão.

Sobretudo após o 25 de Novembro,

quando a parte do poder militar, que até então apoiava a luta dos trabalhadores, é derrotada, a burguesia ganha força para o primeiro ataque, que é o ataque através da legislação, bem como de forças de repressão que garantissem o seu cumprimento: o chamado Governo com autoridade.

### A LEI DAS DESOCUPAÇÕES

A Reforma Agrária foi verdadeiramente construída pelos trabalhadores e está a ser destruída pela burguesia: inventam-se leis em bases contrárias aos interesses do país, aos interesses dos próprios intervenientes do proces-



so, que são os trabalhadores. A lei de expropriações dos 50 mil pontos, é uma lei que a burguesia encontrou para justificar o seu ataque, é uma lei obsoleta, cujo critério tem sido altamente contestado pelos trabalhadores, porque assenta em bases falsas.

Durante o processo das ocupações foi discutido que tudo o que fosse considerado como um entrave ao desenvolvimento económico, teria que ser superado na própria luta (caso das terras) que estavam mal aproveitadas). Este foi o critério primeiro das ocupações, efectuadas na base de entendimento entre o poder, na altura existente, e os interesses dos trabalhadores.

Posteriormente, há uma ordem de desocupação e entrega dessas terras aos proprietários sem se ter em consideração o que levou os trabalhadores a ocuparem essas terras — o seu mau tratamento, como foi comprovado pelo IRA nalguns casos, e noutros, por aqueles que, legitimamente o deveriam verificar: os trabalhadores.

Estas desocupações são mais que a recuperação de algumas parcelas de terreno, são também o lançar da guerra no Alentejo

Ao reforçar-se a entidade patronal vão criar-se dois campos de luta opostos.

Dum lado, é a luta que se vai processar entre os assalariados e os patrões desses terrenos que irão ser desocupados. Do outro lado, a luta que se vai desencadear entre este bloco e o das cooperativas... Aos desencadear este processo, a burguesia sabe que pode instrumentalizar trabalhadores mais recuados, virando-os contra os trabalhadores das cooperativas

O processo no Alentejo (e não só) passa pelo avanço e não pela estagnação da luta, a qual equivale sempre à derrota dos trabalhadores. Passará por alguns conflitos no Alentejo, pelo problema do desemprego, pelo problema dos seareiros e dos pequenos rendeiros e que terá que encontrar uma solução, mas não a que foi adoptada por este governo.

### A SOLUÇÃO — MAIS OCUPAÇÕES

A solução está na integração desses elementos, como cooperativistas, sabendo de antemão que para isso terão que ser feitas as ocupações que, no Alentejo, o processo não levou para a frente. É a única saída para obstar ao desemprego, é a única saída para obstar a uma exploração desenfreada que era feita aos seareiros. Estes não eram detentores da terra, mas só da cultura e esta foi uma exploração mais refinada que o capital encontrou.

No entanto, há uma realidade a realçar. É que os trabalhadores continuam a ocupar terras, que embora sendo casos isolados, são a demonstração da capacidade revolucionária dos trabalhadores.

Isto deve ser um incentivo a todos aqueles que tem medo e se retraem quando a burguesia legisla. Estes são, efectivamente, os verdadeiros lutadores do campo. Solidarizando-se com estes trabalhadores, será uma forma de legitimar a luta, não deixando isolá-la, e desencadear nova ofensiva contra o capital que se prepara para lançar as suas garras sobre os trabalhadores.



## GRUPO DE APOIO À REFORMA AGRÁRIA

## PELA LIGAÇÃO CIDADE CAMPO

É com a ocupação das terras dos latifundiários, que os trabalhadores assalariados rurais do Alentejo, transformaram o regime de propriedade privada em regime de propriedade colectiva. É nesta linha que surge um movimento de solidariedade entre os trabalhadores de Setúbal e os trabalhadores rurais de Alcácer do Sal quando ao ataque bombista à sede do IRA e a resposta dada pelos trabalhadores com a ocupação da casa de João Branco Núncio

Este movimento de solidariedade vai lançar as bases da ligação entre a cidade e o campo, no distrito de Setúbal com a venda directa de produtos das cooperativas agrícolas do Alentejo. Neste momento, este processo alarga-se já às cooperativas ocupadas da zona de Alentejo, Quebradas, Argea, etc.

Com a ligação cidade-campo será possível furar o boicote a que estão sujeitos as cooperativas agrícolas do Alentejo e Centro do país, por parte das forças da burguesia empenhadas em restaurar o capitalismo e o fascismo no nosso país, caso da organização fascista CAP, organização dos grandes latifundiários deste país, ligados ao ELP e MDLP, assim como o «democrata IV governo», que tenta por todos os meios evitar a colectivização da terra, com as suas «democráticas» leis sobre (anti)Reforma Agrária, em que não tentam mais do que a (des)colectivização para benefício dos latifundiários. Ao mesmo tempo é possível combater o aumento do custo de vida, e a especulação a que estão a ser sujeitos também os trabalhadores que vivem nas cidades.

Assim directamente se poderão trocar produtos no interesse comum do produtor e do consumidor, eliminando a casta de parasitas que são os intermediários. Daqui poderá nascer uma nova rede de distribuição que nada tem a ver com a actual rede de natureza capitalista, e de onde nasce toda a espécie de especulação e abusos. Eliminar a rede de parasitas é também retirar à reacção uma teia que lhe permite o controlo de toda a máquina económica.

Mas a ligação cidade-campo não é só a troca e venda de produtos entre as cooperativas agrícolas e os trabalhadores da cidade, mas é também a criação de uma estrutura de Poder Popular.

Esta, entretanto, não será a solução definitiva, pois a resolução dos nossos problemas só será alcançada por uma Sociedade Socialista.

Uma das formas que serão necessárias para atingir essa sociedade é a ligação dos trabalhadores do campo aos da cidade. É a consolidação da unidade dos trabalhadores, com a sua organização a maneira de desmascarar as mentiras reaccionárias, a maneira de conquistar para a Revolução, num corpo único as amplas massas proletárias.

PELO PODER POPULAR  
PELA LIGAÇÃO CIDADE-CAMPO  
CRIEMOS GRUPOS DE APOIO À REFORMA AGRÁRIA  
UNIDOS E ORGANIZADOS ATÉ À VITÓRIA FINAL

Grupo de Apoio à Reforma Agrária  
G.A.R.A.

Barreiro, Maio/76



## nas fábricas

## AUTO-RECONSTRUTORA

A REACÇÃO  
ATACA NO BARREIRO

Os trabalhadores da Auto-Reconstrutora do Barreiro encontram-se em luta contra a Comissão de Gestão nomeada pelo VI Governo sem qualquer consulta aos seus órgãos representativos

A este respeito, a célula do PRP da Auto-Reconstrutora do Barreiro emitiu um comunicado de que salientamos:

«Na A.R.B., empresa com intervenção do Estado desde 10 de Novembro, com uma comissão de gestão da confiança dos trabalhadores, conquistada após uma dura luta em que se provaram fraudes, descapitalização, falsificação de escrita e muitas mais coisas feitas pelos patrões, os «Abreus», a burguesia representada pelo VI Governo, nomeia agora uma nova comissão de gestão com total desconhecimento dos trabalhadores até ao momento da sua apresentação e que se sabe ser constituída por pessoas afectas ao patronato.

Poderás dizer que é mais um caso a juntar a tantos outros! Mas não é assim, camarada! A burguesia já ousa, ao levantar a cabeça, atacar os trabalhadores do Barreiro. A nossa terra é, neste país, um símbolo da resistência, da unidade dos explorados contra o fascismo e o capitalismo, cimentada durante gerações de luta nas mais difíceis e adversas condições.

Não é só o reaccionário Magalhães Mota (ministro do P.P.D.) que nomeia comissões administrativas afectas ao

patronato! Desta vez o despacho foi assinado por dois ministros ditos socialistas: Salgado Zenha (ministro das finanças) e Walter Rosa (ministro da indústria e tecnologia), pelo que os trabalhadores perguntam: O Partido Socialista é da Direita ou da Esquerda?

Para nós, todos aqueles que defendem os interesses dos patrões e do capital contra os trabalhadores são de direita, ou não será assim?»

E o comunicado prossegue:

«A crise económica é de tal maneira grave que a única forma que a burguesia tem para a resolver é fazer-nos trabalhar mais, cada vez mais, recebermos menos, congelando os salários e aumentando diariamente o custo de vida até que a fome se generalize.»

«O golpe de direita de que tanto se fala será tanto mais brutal e sangrento quanto mais grave for a crise (que não foi criada por nós trabalhadores, mas sim, por eles capitalistas e imperialistas) e para isso cá estarão os bons conselheiros da revolução,

amigos de Spínola e os mercenários, e a G.N.R., e a P.S.P. permanentemente preparados para a «Pinochetada» ao que nada valerão a mais progressista das constituições.

Aos trabalhadores restará unirem-se nos locais de trabalho e habitação, organizarem-se nos órgãos representativos e partidos de classe e assim lutarem hoje e sempre até à destruição do capital, até à vitória final.

Os trabalhadores da ARB compreendendo tudo isto impediram a entrada da nova comissão (a tal que vinha fazer a cama aos patrões) nas instalações fabris e regelaram-na enérgicamente. Os senhores ministros «socialistas» nem sequer consultaram os órgãos representativos dos trabalhadores para já não falarmos do que, sob o ponto de vista «democrático», seria mais justo saber o que pensam sobre esta questão os operários desta fábrica, tudo foi feito nas suas costas.

A célula do P.R.P. da A.R.B. lutará pela continuação da unidade cimentada durante meses na luta diária pela maioria dos camaradas desta fábrica contra a burguesia, o capital e o seu pai todo poderoso o IMPERIALISMO.

Aos trabalhadores do Barreiro apelamos para uma solidariedade activa aos camaradas da Auto-Reconstrutora em luta».



e a actualidade nacional

# APOIOS A OTELO POR TODO O PAÍS



Por todo o País, trabalhadores e revolucionários mobilizam-se para apoiar a candidatura de Otelo à presidência da República. Em muitas empresas e locais, os trabalhadores compreenderam bem que esta será a única candidatura de unidade, de uma unidade forjada na base, na defesa do poder popular, como única via para a Revolução Socialista.

Por isso, num plenário na fábrica de Material de Guerra de Braço de Prata, num plenário das cooperativas do distrito de Setúbal (65 cooperativas, num plenário de comissões de moradores em Setúbal (comissões revolucionárias das zonas de Lisboa e Setúbal) os trabalhadores votaram sim à candidatura de Otelo, independentemente das posições partidárias de cada um deles, num gesto unitário que só os exploradores verdadeiramente compreendem.

Também na Setenave os trabalhadores, em assembleia geral, aprovaram por maioria uma moção de apoio à candidatura de Otelo.

Eles sabem que, de todos os possíveis candidatos (até agora apresentados (?) pela imprensa burguesa) nada têm a esperar, senão a ambiguidade ou pior: a destruição completa de todas as suas conquistas.

Mas, de Otelo, sabem muito. Sabem muito do Copcon. Que os apoiou nas ocupações das terras, nas ocupações das casas, que apresentou um programa revolucionário, na base do qual eles defendem que Otelo se candidataria.

É por isso, que é preciso mobilizar os trabalhadores e revolucionários. É por isso que das fábricas, dos bairros, das empresas, saem centenas, milhares de assinaturas que exigem a candidatura de Otelo.

**«DIREI SIM SE HOVER UMA GRANDE MOVIMENTAÇÃO POPULAR»**

Por outro lado, a prova mais evidente que os trabalhadores podem ter que Otelo os defenderá, foram as condições categóricas deste, perante dezenas de trabalhadores que no passado dia 7 se dirigiram a casa dele, para lhe entregarem uma moção de

apoio e que, não o tendo encontrado aí, o procuraram à entrada do colóquio do GIS. São estas as palavras de Otelo «só aceitei a candidatura por uma verdadeira imposição popular. Nunca me liguei a partido nenhum e sempre procurei apoiar as organizações populares de base. É com elas que se constrói o socialismo. Desde que haja movimentação popular que mefaça o candidato das massas trabalhadoras, aceito. Só não aceito ser candidato por partidos, até porque os grandes partidos burgueses estão contra mim: e ainda bem»

Por tudo isto, camaradas, pelo que Otelo mostrou já durante os meses em que foi comandante do Copcon; pela grandiosidade revolucionária do projecto que se propõe defender, temos que nos mobilizar em torno do apoio, da exigência da sua candidatura.

Sejamos de que partido fomos, camaradas, o que importa é que somos explorados e queremos pegar nas nossas mãos os nossos destinos. O que importa é que queremos substituir esta ordem podre da burguesia por uma ordem nova, nossa, revolucionária.

É esta a única forma de nos opormos imediatamente ao avanço da direita, do fascismo.

Esta é a única forma de, imediatamente, conseguirmos uma alternativa unitária que visa a destruição do capitalismo e a construção de uma nova sociedade, em tudo diferente desta que nos oprime, na sua ambiguidade a cair para o fascismo.

## ELEIÇÕES PRESIDENCIAIS

# A BURGUESIA DIVIDIDA

Tudo concorre para que a burguesia se apresente dividida nas eleições presidenciais

Assim, enquanto os sectores mais reaccionários do CDS deverão polarizar-se em torno da candidatura do fascista Kaulza de Arriaga, Ramalho Eanes deverá recolher votos de boa parte do eleitorado do PPD e do PS Quanto a Pinheiro de Azevedo, é compreensível que obtenha o apoio de algumas camadas do PS e, discretamente ou não, da direcção do PC

Apesar de todas estas hipóteses estarem dependentes de qualquer atitude deste ou daquele partido, entendemos conveniente analisá-las mais pormenorizadamente:

### CDS: APOIO A KAULZA

O CDS tem mantido um cauteloso silêncio a respeito do apoio que poderá dar aos militares presidenciais. No entanto, não é o facto do Conselho Nacional do CDS poder vir a apoiar Eanes que impedirá muitos militantes de votarem em Kaulza.

Com efeito, são já muitos os elementos do CDS que, desconfiando dos acordos de Eanes com Melo Antunes, e do seu programa «esquerdizante», se inclinam decididamente perante um candidato digno do seu passado de fascistas.

O PPD, por seu lado, parece debater-se com sérios problemas internos, de que são reflexo as críticas do «Expresso» — cujos director e um dos

sub-directores são do PPD — à política de Sá Carneiro. Rebelo de Sousa afirmou concretamente: «No PPD os resultados apontam para a emergência de mutações internas».

Para que o PPD «possa resolver os seus antagonismos internos», há que pensar se o compromisso com Eanes foi a atitude mais inteligente.

### PC: RECUO PERANTE OTELO

Em virtude do apoio que largo número de militantes do PC está a dar à candidatura revolucionária de Otelo Saraiva de Carvalho, Álvaro Cunhal foi obrigado a recuar.

Assim, Cunhal nega desapojar Ote-

lo, tendo afirmado antontem a um vespertino, a propósito das declarações feitas no último comício do seu partido no Campo Pequeno:

«Não referimos o nome do General Otelo Saraiva de Carvalho».

Efectivamente, tal não sucedeu naquele comício, embora a insinuação fosse bem clara.

Todavia, o Secretário Geral do PC não desmentiu que, à Interpress Service, tenha dito que o major Otelo Saraiva de Carvalho «está muito longe das condições necessárias» para ganhar as eleições presidenciais.

Por outro lado, ao reconhecer que, «a solução ideal seria um candidato que reunisse o consenso militar», Cunhal sabe bem que esse candidato não existe.

Daqui que não seja de excluir, como sublinhou a CC do PC, o apoio a uma personalidade civil susceptível de receber também votos do PS.

Em suma: sendo bem possível que o PC venha a apoiar Pinheiro de Azevedo, a verdade é que a direcção deste partido está entre dois fogos: de um lado os militantes de base que apoiam Otelo, do outro os compromissos nacionais e internacionais com as

forças burguesas e capitalistas.

### PS: O APOIO OFICIAL ãO ESCONDE A DIVISÃO

Mário Soares, em conferencia de imprensa dada ontem, formalizou o apoio do PS a Ramalho Eanes, decisão que teria sido tomada após larga discussão interna no seio do partido.

Esta atitude não esconde, todavia, as divisões existentes no PS, quer no eleitores, quer no Conselho Nacional, quer mesmo no próprio Secretariado. De facto, não parece difícil admitir que boa parte do eleitorado do PS possa apoiar Pinheiro de Azevedo.

A divisão do PS é, de resto, extensiva a certas camadas que apoiam a candidatura de Otelo. (caso da J.S. de Vila Nova de Gaia).

Apesar do programa de candidatura de Eanes dever ser suficientemente «esquerdizante» para obter o apoio da globalidade do PS (o que poderá afastar eleitores do PPD e CDS), é natural que algumas camadas do PS não acatem a decisão anunciada por Mário Soares.

Finalmente, coloca-se, neste momento, a questão de saber que apoios partidários terá a candidatura de Pinheiro de Azevedo, bem como do espaço político que preenche.

# O SOCIALISMO EM CRUZEIRO

A «Via mediterrânica para o socialismo» será talvez qualquer cruzeiro no Mediterraneo, em navio de luxo com escala em pontos turísticos?... Dessa viagem turística iniciada na Reitoria da Cidade-Universitária, pouco sabemos porque se destinou a convidados e pouco lemos porque os discursos se destinam a ser vendidos.

Encontro de intelectuais para intelectuais, este socialismo à porta fechada foge assim aos principais intervenientes da revolução socialista — os trabalhadores.

Mas não é de revolução que se tratava. Pois apercebemo-nos pelos jornais que, se tratava, sim, de discutir as «instancias» onde se localizam as «decisões» (onde eles querem que se localizem, estamos nós a ver por esta amostra) e outras curiosas questões sobre a transição para o socialismo, sem discutir como, quando e com quem esse socialismo será possível aqui. Sem discutir a tomada do poder pelos trabalhadores, sem discutir a forma de impedir o avanço do fascismo, sem discutir o Poder Popular.

De que «socialismo» é que se fala nesta sessão engravatada, higiênica?

Do socialismo com os trabalhadores no Poder e com órgãos deliberativos a partir da base? Ou dum «socialismo» em que estes mesmos promotores do colóquio não perderão o seu privilégio de dirigirem? Dum socialismo em que mandarão os trabalhadores da Setenave e os Camponeses de Alcoentre, ou dum «socialismo» dirigido pelos tecnocratas que olharão para os operários e camponeses como macaquinhos que eles, evidentemente, «respeitam muito» e mandam entrar em cena na devida ocasião (faz parte da doutrina)?

As «vias» para o socialismo escolhidas por catálogo, tal como o «socialismo à portuguesa», tal como o «eurocomunismo» propagandeado pelo PC frances, italiano e espanhol são apenas um grande desvio para fugir à revolução socialista, são uma máscara para disfarçar a adaptação à sociedade capitalista. Simplesmente, tal como diz o social-democrata E. Lourenço, estão sujeitos a usar o marxismo enquanto não tiverem outra filosofia.

Não terão. Mas vão arranjando «teorias» com o cinismo de quem está longe, longe, longe dos problemas do dia a dia do proletariado português. São uns libertinos da política: o jogo das ideias é a sua brincadeira favorita. E que é que se pode dizer mais dessa «soirée»? Que... Jorge Sampaio tem uns óculos novos que lhe vão muito bem? Que Nuno Brederode estava cheio de graça! Que os militares presentes estavam encantados! Que o debate foi muito animado! Ao lado, na Quinta da Calçada, na barraca que serve de sede à Comissão de Moradores, os habitantes do bairro de barracas, rodeados de crianças choronas e ranhosas, sujos de lama pela chuva recente, discutiam mais uma vez se não-de exigir que lhes construam o bairro novo do outro lado da azinhaga, no terreno que conquistaram, ou se entrarão pelo caminho da construção feita por eles próprios, depois das horas do trabalho. Agora, depois do 25 de Novembro, fabricado pelos «novos», as coisas pioraram bastante. Há que mudar a tática neste caso? E discutiram profundamente.

# Plenários na Setenave apoia candidatura de Otelo

Face às manobras dos vários partidos da burguesia, para encontrarem um candidato comum que lhes garanta a continuação da exploração e da opressão sobre os trabalhadores, sentem estes a necessidade de apoiarem a candidatura de um home que se proponha defender as conquistas dos trabalhadores, bem como do poder popular

Pelas provas dadas enquanto homem do 25 de Abril, e comandante do Copcon no apoio às lutas dos trabalhadores, nomeadamente na reforma agrária nas ocupações de terras, fábricas e casas, e no apoio às comissões de moradores e comissões de trabalhadores, como órgãos de Poder Popular, Otelo Saraiva de Carvalho, é o candidato à Presidência capaz de defender um programa que sirva as classes exploradas

Assim, os trabalhadores abaixo assinados apoiam a candidatura de Otelo à Presidência da República, enquanto defensor desse programa de consolidação e avanço do Poder Popular

**NOTA IMPORTANTE** — Se apoias a candidatura Revolucionária do homem do 25 de Abril «Otelo Saraiva de Carvalho», divulga e promove a discussão desta moção nas fábricas, quartéis, cooperativas, bairros e em todos os locais de trabalho

Adere ao comité de apoio à candidatura do Otelo e recolhe assinaturas

PELA CANDIDATURA DO PODER POPULAR  
OTELO PRESIDENTE

(Moção apoiada na Setenave)





e a actualidade nacional

# APOIOS A OTELO POR TODO O PAÍS



Por todo o País, trabalhadores e revolucionários mobilizam-se para apoiar a candidatura de Otelo à presidência da República.

Em muitas empresas e locais, os trabalhadores compreenderam bem que esta será a única candidatura de unidade, de uma unidade forjada na base, na defesa do poder popular, como única via para a Revolução Socialista.

lista.

Por isso, num plenário na **fábrica de Material de Guerra de Braço de Prata**, num plenário das cooperativas do distrito de **Setúbal** (65 cooperativas, num plenário de **comissões de moradores em Setúbal** (comissões revolucionárias das zonas de Lisboa e Setúbal) os trabalhadores votaram sim à candidatura de Otelo, independente-

mente das posições partidárias de cada um deles, num gesto unitário que só os exploradores verdadeiramente compreendem.

Também na **Setenave** os trabalhadores, em assembleia geral, aprovaram por maioria uma moção de apoio à candidatura de Otelo.

Eles sabem que, de todos os possíveis candidatos (até agora apresentados (?) pela Imprensa burguesa) nada têm a esperar, senão a ambiguidade ou pior: a destruição completa de todas as suas conquistas.

Mas, de Otelo, sabem muito. Sabem muito do Copcon. Que os apoiou nas ocupações das terras, nas ocupações das casas, que apresentou um programa revolucionário, na base do qual eles defendem que Otelo se candidate.

É por isso, que é preciso mobilizar os trabalhadores e revolucionários. É por isso que das fábricas, dos bairros, das empresas, saem centenas, milhares de assinaturas que exigem a candidatura de Otelo.

**«DIREI SIM SE HOUVER UMA GRANDE MOVIMENTAÇÃO POPULAR»**

Por outro lado, a prova mais evidente que os trabalhadores podem ter que Otelo os defenderá, foram as condições categóricas deste, perante dezenas de trabalhadores que no passado dia 7 se dirigiram a casa dele, para lhe entregarem uma moção de

apoio e que, não o tendo encontrado, o procuraram à entrada do alojamento do GIS. São estas as palavras

de Otelo: «só aceitarei a candidatura por uma verdadeira imposição popular. Nunca me liguei a partido nenhum e sempre procurei apoiar as organizações populares de base. É com eles que se constrói o socialismo. De que haja movimentação popular e mefaça o candidato das massas trabalhadoras, aceito. Só não aceito candidato por partidos, até porque grandes partidos burgueses estão a traí-los: e ainda bem»

Por tudo isto, camaradas, pelo Otelo mostrou já durante os meses em que foi comandante do Copcon pela grandiosidade revolucionária do projecto que se propõe defender, mas que nos mobilizar em torno do apoio, da exigência da sua candidatura.

Sejamos de que partido formos, camaradas, o que importa é que não explorados e queremos pegar nas nossas mãos os nossos destinos. O que importa é que queremos substituir a ordem podre da burguesia por uma ordem nova, nossa, revolucionária.

É esta a única forma de nos libertarmos imediatamente ao avanço da ditadura, do fascismo.

Esta é a única forma de, imediatamente, conseguirmos uma alternativa unitária que visa a destruição do capitalismo e a construção de uma nova sociedade, em tudo diferente da que nos oprime, na sua ambiguidade a cair para o fascismo.

## Plenários na Setenave apoia candidatura de Otelo

Face às manobras dos vários partidos da burguesia, para encontrarem um candidato comum que lhes garanta a continuação da exploração e da opressão sobre os trabalhadores, sentem estes a necessidade de apoiarem a candidatura de um homem que se proponha defender as conquistas dos trabalhadores, bem como do poder popular

Pelas provas dadas enquanto homem do 25 de Abril, e comandante do Copcon no apoio às lutas dos trabalhadores, nomeadamente na reforma agrária nas ocupações de terras, fábricas e casas, e no apoio às comissões de moradores e comissões de trabalhadores, como órgãos de Poder Popular, Otelo Saraiva de Carvalho, é o candidato à Presidência capaz de defender um programa que sirva as classes exploradas

Assim, os trabalhadores abaixo assinados apoiam a candidatura de Otelo à Presidência da República, enquanto defensor desse programa de consolidação e avanço do Poder Popular

**NOTA IMPORTANTE** — Se apoias a candidatura Revolucionária do homem do 25 de Abril «Otelo Saraiva de Carvalho», divulga e promove a discussão desta moção nas fábricas, quartéis, cooperativas, bairros e em todos os locais de trabalho

Aderir ao comité de apoio à candidatura do Otelo e recolhe assinaturas

PELA CANDIDATURA DO PODER POPULAR  
OTELO PRESIDENTE

(Moção apoiada na Setenave)





# OTELO O PAÍS

## ELEIÇÕES PRESIDENCIAIS

# A BURGUES

mente das posições partidárias de cada um deles, num gesto unitário que só os exploradores verdadeiramente compreendem.

Também na Setenave os trabalhadores, em assembleia geral, aprovaram por maioria uma moção de apoio à candidatura de Otelo.

Eles sabem que, de todos os possíveis candidatos (até agora apresentados (?) pela imprensa burguesa) nada têm a esperar, senão a ambiguidade ou pior: a destruição completa de todas as suas conquistas.

Mas, de Otelo, sabem muito. Sabem muito do Copcon. Que os apoiou nas ocupações das terras, nas ocupações das casas, que apresentou um programa revolucionário, na base do qual eles defendem que Otelo se candida-

É por isso, que é preciso mobilizar os trabalhadores e revolucionários. É por isso que das fábricas, dos bairros, das empresas, saem centenas, milhares de assinaturas que exigem a candidatura de Otelo.

### «DIREI SIM SE HOVER UMA GRANDE MOVIMENTAÇÃO POPULAR»

Por outro lado, a prova mais evidente que os trabalhadores podem ter que Otelo os defenderá, foram as condições categóricas deste, perante dezenas de trabalhadores que no passado dia 7 se dirigiram a casa dele, para lhe entregarem uma moção de

apoio e que, não o tendo encontrado aí, o procuraram à entrada do colóquio do GIS. São estas as palavras

de Otelo «só aceitei a candidatura por uma verdadeira imposição popular. Nunca me liguei a partido nenhum e sempre procurei apoiar as organizações populares de base. É com elas que se constrói o socialismo. Desde que haja movimentação popular que mefaça o candidato das massas trabalhadoras, aceito. Só não aceito ser candidato por partidos, até porque os grandes partidos burgueses estão contra mim: e ainda bem»

Por tudo isto, camaradas, pelo que Otelo mostrou já durante os meses em que foi comandante do Copcon; pela grandiosidade revolucionária do projecto que se propõe defender, temos que nos mobilizar em torno do apoio, da exigência da sua candidatura.

Sejamos de que partido formos, camaradas, o que importa é que somos explorados e queremos pegar nas nossas mãos os nossos destinos. O que importa é que queremos substituir esta ordem podre da burguesia por uma ordem nova, nossa, revolucionária.

É esta a única forma de nos opormos imediatamente ao avanço da direita, do fascismo.

Esta é a única forma de, imediatamente, conseguirmos uma alternativa unitária que visa a destruição do capitalismo e a construção de uma nova sociedade, em tudo diferente desta que nos oprime, na sua ambiguidade a cair para o fascismo.

Tudo concorre para que a burguesia se apresente dividida nas eleições presidenciais

Assim, enquanto os sectores mais reaccionários do CDS deverão polarizar-se em torno da candidatura do fascista Kaulza de Arriaga, Ramalho Eanes deverá recolher votos de boa parte do eleitorado do PPD e do PS Quanto a Pinheiro de Azevedo, é compreensível que obtenha o apoio de algumas camadas do PS e, discretamente ou não, da direcção do PC

Apesar de todas estas hipóteses estarem dependentes de qualquer atitude deste ou daquele partido, entendemos conveniente analisá-las mais pormenorizadamente:

### CDS: APOIO A KAULZA

O CDS tem mantido um cauteloso silêncio a respeito do apoio que poderá dar aos militares presidenciais. No entanto, não é o facto do Conselho Nacional do CDS poder vir a apoiar Eanes que impedirá muitos militantes de votarem em Kaulza.

Com efeito, são já muitos os elementos do CDS que, desconfiando dos acordos de Eanes com Melo Antunes, e do seu programa «esquerdisante», se inclinam decididamente perante um candidato digno do seu passado de fascistas.

O PPD, por seu lado, parece debater-se com sérios problemas internos, de que são reflexo as críticas do «Expresso» — cujos director e um dos

sub-directores são do PPD — à política de Sá Carneiro. Rebelo de Sousa afirmou concretamente: «No PPD os resultados apontam para a emergência de mutações internas».

Para que o PPD «possa resolver os seus antagonismos internos», há que pensar se o compromisso com Eanes foi a atitude mais inteligente.

### PC: RECUO PERANTE OTELO

Em virtude do apoio que largo número de militantes do PC está a dar à candidatura revolucionária de Otelo Saraiva de Carvalho, Álvaro Cunhal foi obrigado a recuar.

Assim, Cunhal nega desapojar Ote

# O SOC EM CF

A «Via mediterrânica para o socialismo» será talvez qualquer cruzeiro no Mediterrâneo, em navio de luxo com escala em pontos turísticos? Dessa viagem turística iniciada na Retorica da Cidade Universitária, pouco sabemos porque se destinou a convidados e pouco lemos porque os discursos se destinam a ser vendidos.

Encontro de intelectuais para intelectuais, este socialismo à porta fechada foge assim aos principais intervenientes da revolução socialista — os trabalhadores.

Mas não é de revolução que se tratava. Pois apercebemo-nos pelos jornais que, se tratava, sim, de discussões «instancias» onde se localizam as «decisões» (onde eles querem que se localize, estamos nós a ver por esta amostra) e outras curiosas questões sobre a transição para o socialismo sem discutir como, quando e quem esse socialismo será possível aqui. Sem discutir a tomada do poder pelos trabalhadores, sem discutir a forma de impedir o avanço do fascismo, sem discutir o Poder Popular.

De que «socialismo» é que se fala nesta sessão engravatada, higiênica

# a Setenave datura de Otelo

encontrarem  
iração e da  
le apoiarem  
quistas dos

comandante  
na reforma  
comissões  
der Popular,  
le defender

didatura de  
ograma de

cionária do  
promove a  
irros e em

inaturas

(a Setenave)





## ELEIÇÕES PRESIDENCIAIS

## A BURGUESIA DIVIDIDA

Tudo concorre para que a burguesia se apresente dividida nas eleições presidenciais

Assim, enquanto os sectores mais reaccionários do CDS deverão polarizar-se em torno da candidatura do fascista Kaulza de Arriaga, Ramalho Eanes deverá recolher votos de boa parte do eleitorado do PPD e do PS Quanto a Pinheiro de Azevedo, é compreensível que obtenha o apoio de algumas camadas do PS e, discretamente ou não, da direcção do PC

Apesar de todas estas hipóteses estarem dependentes de qualquer atitude deste ou daquele partido, entendemos conveniente analisá-las mais pormenorizadamente:

## CDS: APOIO A KAULZA

O CDS tem mantido um cauteloso silêncio a respeito do apoio que poderá dar aos militares presidenciais. No entanto, não é o facto do Conselho Nacional do CDS poder vir a apoiar Eanes que impedirá muitos militantes de votarem em Kaulza.

Com efeito, são já muitos os elementos do CDS que, desconfiando dos acordos de Eanes com Melo Antunes, e do seu programa «esquerdisante», se inclinam decididamente perante um candidato digno do seu passado de fascistas.

O PPD, por seu lado, parece debater-se com sérios problemas internos, de que são reflexo as críticas do «Expresso» — cujos director e um dos

sub-directores são do PPD — à política de Sá Carneiro. Rebelo de Sousa afirmou concretamente: «No PPD os resultados apontam para a emergência de mutações internas».

Para que o PPD «possa resolver os seus antagonismos internos», há que pensar se o compromisso com Eanes foi a atitude mais inteligente.

## PC: RECUO PERANTE OTELO

Em virtude do apoio que largo número de militantes do PC está a dar à candidatura revolucionária de Otelo Saraiva de Carvalho, Álvaro Cunhal foi obrigado a recuar.

Assim, Cunhal nega desapojar Ote-

lo, tendo afirmado antontem a um vespertino, a propósito das declarações feitas no último comício do seu partido no Campo Pequeno:

«Não referimos o nome do General Otelo Saraiva de Carvalho».

Efectivamente, tal não sucedeu naquele comício, embora a insinuação fosse bem clara.

Todavia, o Secretário Geral do PC não desmente que, à Interpress Service, tenha dito que o major Otelo Saraiva de Carvalho «está muito longe das condições necessárias» para ganhar as eleições presidenciais.

Por outro lado, ao reconhecer que, «a solução ideal seria um candidato que reunisse o consenso militar», Cunhal sabe bem que esse candidato não existe.

Daqui que não seja de excluir, como sublinhou a CC do PC, o apoio a uma personalidade civil susceptível de receber também votos do PS.

Em suma: sendo bem possível que o PC venha a apoiar Pinheiro de Azevedo, a verdade é que a direcção deste partido está entre dois fogos: de um lado os militantes de base que apoiam Otelo, do outro os compromissos nacionais e internacionais com as

forças burguesas e capitalistas.

## PS: O APOIO OFICIAL ãO ESCONDE A DIVISÃO

Mário Soares, em conferencia de imprensa dada ontem, formalizou o apoio do PS a Ramalho Eanes, decisão que teria sido tomada após larga discussão interna no seio do partido.

Esta atitude não esconde, todavia, as divisões existentes no PS, quer no eleitores, quer no Conselho Nacional, quer mesmo no próprio Secretariado. De facto, não parece difícil admitir que boa parte do eleitorado do PS possa apoiar Pinheiro de Azevedo.

A divisão do PS é, de resto, extensiva a certas camadas que apoiam a candidatura de Otelo. (caso da J.S. de Vila Nova de Gaia).

Apesar do programa de candidatura de Eanes dever ser suficientemente «esquerdisante» para obter o apoio da globalidade do PS (o que poderá afastar eleitores do PPD e CDS), é natural que algumas camadas do PS não acatem a decisão anunciada por Mário Soares.

Finalmente, coloca-se, neste momento, a questão de saber que apoios partidários terá a candidatura de Pinheiro de Azevedo, bem como do espaço político que preenche.

## O SOCIALISMO EM CRUZEIRO

A «Via mediterrânica para o socialismo» será talvez qualquer cruzeiro no Mediterraneo, em navio de luxo com escala em pontos turísticos?... Dessa viagem turística iniciada na Reitoria da Cidade Universitária, pouco sabemos porque se destinou a convidados e pouco lemos porque os discursos se destinam a ser vendidos.

Encontro de intelectuais para intelectuais, este socialismo à porta fechada foge assim aos principais intervenientes da revolução socialista — os trabalhadores.

Mas não é de revolução que se tratava. Pois apercebemo-nos pelos jornais que, se tratava, sim, de discutir as «instancias» onde se localizam as «decisões» (onde eles querem que se localize, estamos nós a ver por esta amostra) e outras curiosas questões sobre a transição para o socialismo, sem discutir como, quando e com quem esse socialismo será possível aqui. Sem discutir a tomada do poder pelos trabalhadores, sem discutir a forma de impedir o avanço do fascismo, sem discutir o Poder Popular.

De que «socialismo» é que se fala nesta sessão engravatada, higiénica?

Do socialismo com os trabalhadores no Poder e com órgãos deliberativos a partir da base? Ou dum «socialismo» em que estes mesmos promotores do colóquio não perderão o seu privilégio de dirigirem? Dum socialismo em que mandarão os trabalhadores da Setenave e os Camponeses de Alcoentre, ou dum «socialismo» dirigido pelos tecnocratas que olharão para os operários e camponeses como macaquinhos que eles, evidentemente, «respeitam muito» e mandam entrar em cena na devida ocasião (faz parte da doutrina)?

As «vias» para o socialismo escohidadas por catálogo, tal como o «socialismo à portuguesa», tal como o «eurocomunismo» propagandeado pelo PC frances, italiano e espanhol são apenas um grande desvio para fugir à revolução socialista, são uma máscara para disfarçar a adaptação à sociedade capitalista. Simplesmente, tal como diz o social-democrata E. Lourenço, estão sujeitos a usar o marxismo enquanto não tiverem outra filosofia.

Não terão. Mas vão arranjando «teorias» com o cinismo de quem está longe, longe, longe dos problemas do

dia a dia do proletariado português. São uns libertinos da política: o jogo das ideias é a sua brincadeira favorita.

E que é que se pode dizer mais dessa «solirée»?

Que...

Jorge Sampaio tem uns olhos novos que lhe vão muito bem?

Que Nuno Brederode estava cheio de graça!

Que os militares presentes estavam encantados!

Que o debate foi muito animado!

Ao lado, na Quinta da Calçada, na barraca que serve de sede à Comissão de Moradores, os habitantes do bairro de barracas, rodeados de crianças choronas e ranhosas, sujos de lama pela chuva recente, discutiam mais uma vez se hão-de exigir que lhes construam o bairro novo do outro lado da azinhaga, no terreno que conquistaram, ou se entrarão pelo caminho da construção feita por eles próprios, depois das horas do trabalho. Agora, depois do 25 de Novembro, fabricado pelos «nove», as coisas pioraram bastante. Há que mudar a tática neste caso?

E discutiram profundamente.





nos bairros



BAIRRO DE ANGOLA

# PÔR FIM AOS INTERMEDIÁRIOS

Efectuou-se no passado sábado, neste bairro, um mercado popular com venda directa aos moradores de produtos vindos das cooperativas agrícolas.

A comissão de moradores iniciou este processo para pôr fim à especulação existente no bairro. De notar que este foi construído clandestinamente, e que nem sequer um mercado existe.

Contactaram com as cooperativas de Aveiras (Torre Bela, Ameixoeira, Vale Mouro, Pomba) e Marqueza) as quais se puseram de imediato à disposição dos moradores para lhes vender os seus produtos passando, a partir de agora, a fazê-lo mensalmente.

Foi o peixe, no entanto, o produto que mais entusiasmo deu à população, dado que a SAAP o pôs à venda, cerca de 40 por cento mais barato.

Através da Comissão de Trabalhadores da SAPP, a comissão de moradores conseguiu que aquela venda se fizesse dia sim, dia não.

O aumento do custo de vida, perfeitamente orquestrado com as lutas ao nível do poder, é uma arma contra os trabalhadores. A isto os trabalhadores opõem novas formas de organização, sendo a ligação entre a cidade e o campo uma forma de pôr fim à especulação dos intermediários e de

criar uma nova estrutura do poder popular.

Desta ligação entre os trabalhadores do campo, do mar e da cidade, poderá nascer uma nova rede de distribuição de produtos alimentares, que nada terá a ver com a distribuição capitalista na qual existe toda a espécie de especuladores, com os quais os trabalhadores terão de acabar definitivamente.

CASTELO BRANCO

# A LUTA DOS TRABALHADORES DAS CASAS DO POVO

Os trabalhadores das Casas do Povo continuam a ser, no sector de serviços, dos mais mal remunerados e com menos regalias sociais neste país. Um primeiro escriturário está com 5700\$00. Os empregados de limpeza, continuos etc., ganham menos que os 4 contos — o mínimo nacional — e nem sequer tem trabalho a tempo inteiro.

O jornal «Revolução» procurou inteirar-se da situação e entrevistou um camarada da Comissão de Luta de Trabalhadores das Casas do Povo do distrito de Castelo Branco, o qual definiu como causas da situação «o desprezo dos burocratas das cúpulas e a falta de organização dos trabalhadores». Comparando com os camaradas da previdências que já avançam no controlo operário, há ainda muito a percorrer até se chegar a formas avançadas de Poder Popular. Na organização dos trabalhadores nunca é tarde para avançar, pois só assim se poderá derrotar o fascismo e fazer a Revolução Socialista. Voltaremos a fazer o ponto da situação em nova entrevista.

**REV — Qual a vossa situação antes do 25 de Abril?**

«Até Agosto de 73 não tínhamos estatutos nem nada. Podíamos ser despedidos à balda. Não havia nenhum organismo para defender os nossos interesses. Em Agosto de 73, os primeiros Estatutos dão já algumas garantias de emprego, reforma e assistência. A situação mantém-se até Julho de 74.

As casas do Povo dependiam da Junta de Acção Social distrital que dependia da Junta Central ligada ao Ministério da Segurança Social, organismo que não tinham qualquer interesse na nossa situação.

A Junta de Acção Social e a Junta Central não tem razão de existir e

só servem para retirar das Casas do Povo 10 por cento da quotização dos trabalhadores rurais, alegando a promoção socio-cultural e apoio técnico aos associados. Nada tem feito, só servindo para manter uns quantos tachistas à boa vida.»

**Rev — Como começa a luta depois do 25 de Abril?**

«Começa com uma reunião dos trabalhadores da parte Sul do distrito, da Sertão. Decidiu-se convocar uma reunião de todos os empregados do distrito em Castelo Branco onde estiveram quase todos. Aqui formou-se uma mesa com um representante de cada concelho, num total de 11 representantes.

Decidiu-se a reivindicação salarial

e eleger, por voto secreto, uma Comissão Distrital de Trabalhadores, comunicando isto a todas as Casas do Povo a nível nacional. São cinco efectivos e dois suplentes.

**Rev — No distrito há mais de 200 trabalhadores. Qual a evolução da luta?**

Por volta de Agosto de 74, quase todas as Comissões de Trabalhadores de cada distrito reúnem em Lisboa, no Sindicato dos Empregados de Escritório, onde estávamos quase todos inscritos, até ao rompimento em Dez. de 1975. De Agosto de 74 a Abril de 75, foram-nos feitas diversas promessas, mas o caderno reivindicativo continuava na gaveta. Em Abril de 75, com a nossa ameaça de greve, o Ministério fez sair um decreto sobre o caderno reivindicativo com aumentos de cerca de 20 por cento e com a promessa de revisão no prazo máximo de 6 meses. Começando nova luta pela nossa equiparação aos empregados da Previdência, dá-se nesta altura (dezembro de 75) o rompimento com o sindicato dos Empregados de Escritório. Este rompimento foi devido ao facto de eles não terem dado apoio à nossa luta, desde fins de 74 e foi decidido em Plenário distrital o não pagamento de quotas e a devolução

de todos os cartões para o sindicato dos empregados de Escritório na Covilhã.

Começa nova luta e surgem divergências na Comissão de Delegados Sindicais: uns são pela reintegração na Previdência e outros pela reformulação dos estatutos, no sentido de criar a nossa própria organização.

Venceu esta última posição. Os delegados elegeram uma Comissão para redigir o ante-projecto dos Estatutos, o qual foi discutido em Plenário Distrital de Trabalhadores. Neste momento, a comissão de redacção está a finalizar o seu trabalho, para negociarmos com o Ministério dos Assuntos Sociais.

**Rev — Como encaras o diferendo com o sindicato dos Escritórios?**

«Em certa medida foi mau porque veio dividir os trabalhadores. Mas nós não tivemos outra saída, devido à falta de apoio do Sindicato. Para acabar com essa divisão, estamos a pensar na futura integração no Sindicato da Função Pública.

**Rev — Que tal a Previdência rural?**

«Não está mau. Está péssimo. É um assunto que dá muito pano para mangas. Falamos disso numa próxima entrevista.



## SETUBAL

# EM FRENTE NA LUTA CONTRA AS RENDAS ESPECULATIVAS

Em Setúbal, logo após o 25 de Abril, os moradores entraram em luta contra as rendas especulativas, e por uma habitação digna. Existem cerca de 900 famílias a viver em barracas e 2000 a viver em quartos, havendo por outro lado 3000 fogos vagos e 2000 em fase de acabamento.

Perante esta situação, os moradores iniciaram a luta pagando 500\$00 por assalhada, luta essa que se estendeu a todo o País.

Neste momento o poder ataca, e além das acções de despejo que efectua com grande aparato policial, leva a tribunal moradores os quais não tem qualquer defesa dado que a lei existente é a do código civil e essa já é do tempo de Salazar.

A Comissão Dinamizadora das Rendas de Casa convocou uma conferência de imprensa para denunciar a situação e participar a manifestação que se vai efectuar no próximo dia 21, a qual terá como objectivo exigir do governo o cumprimento da Constituição. Isto, porque a Constituição na parte da habitação tem elementos que poderá favorecer os moradores

«Esta comissão após analisar que o povo de Setúbal não estava disposto a deixar-se vergar por uma deturpação que o VI Governo fez à Constituição, através do Ministério da Habitação e Urbanismo, foi para a frente, sem de maneira nenhuma, se queimar os últimos cartuchos. Não estavam ainda contactados o Presidente da República, nem o Conselho da Revolução. Emitimos um comunicado que foi entregue aos órgãos da informação, e também ao Conselho da Revolução e ao Presidente da República e ainda à Câmara Municipal e ao Governo Civil de Setúbal.»

«Fomos recebidos pelo Conselho da

Revolução e, depois deste nos dizer que a sua função como órgão do poder era fiscalizar se o governo cumpre ou não a Constituição, nós dissemos que era precisamente isso que nós levava lá, porque estamos conscientes que o VI Governo através do Ministério da Habitação deturpou a Constituição no que diz respeito ao direito à habitação. O Conselho da Revolução, analisou os prós e os contras, e uma vez que até tinha lá a acta do Diário da Assembleia Constituinte, onde um deputado operário interpos por nós fora da ordem do dia toda a análise desta situação, o Conselho da Revolução acaba por nos dar razão

e envia o documento para o ministério, para que o sr. ministro analise e tome melhores medidas.

A partir daí, fizemos contactos com as comissões de trabalhadores e moradores, e sindicatos aqui na área de Setúbal, e todas as organizações políticas para ver se nos dão apoio.

Esta orientação vem no seguimento de um plenário, efectuado há cerca de uma semana onde foi decidido saltar para a frente e tomar formas de luta mais avançadas.»

## CONTRA A CONCILIAÇÃO

«Constatámos que a nossa luta estava a ser esmagada nos tribunais, através de leis do Código Civil, feito pelo Antunes Varela, ministro da Justiça de Salazar. Portanto, leis que nada nos beneficiam e que davam razão aos senhorios, que nos ameaçava o direito de ter uma renda compatível com o rendimento do agregado familiar.»

«O que se tem passado nos tribunais são tentativas de conciliação. Chama-se o senhorio e o inquilino à presença do juiz e chega-se a um acordo. Não existe sequer uma arbitragem, não existe uma peritagem à casa, nada que possa forçar o senhorio a alterar a renda, caso ela seja especulativa como na maioria dos casos isso acontece. O que se passa, é que nem o juiz tem poderes para obrigar o senhorio que cobra uma renda exagerada, a baixá-la, e o senhorio pode perfeitamente chegar lá e exigir que se cumpra o que está escrito na lei, portanto, ele pode dizer para o inquilino ira para a rua e, exigir que ele lhe pague tudo o que está em atraso.

Face a isto, os moradores decidiram não fazer mais conciliações, dado que vão para tribunal à merce das migalhas que lhes possam dar. Ora a luta que os moradores travam não

é uma luta por migalhas, é uma luta por um direito, por uma causa. A luta que se desencadeou desde os primeiros plenários, tem sido uma luta pelo pagamento da renda equivalente à percentagem do rendimento do agregado familiar.»

## MANIFESTAÇÃO DIA 21

«Segunda-feira efectuou-se um plenário no qual compareceram muitas comissões de moradores e trabalhadores e ainda dois sindicatos. A posição assumida nesse plenário, foi de que se exigiria ao governo para se pronunciar até ao dia 21 sobre a nossa luta. No dia 21, far-se-á uma manifestação que irá até ao Governo Civil onde exigiremos uma resposta-positiva ou negativa.

Contactaram-se todas as comissões de moradores e de trabalhadores, todos os sindicatos aqui de Setúbal e ainda todos os partidos também de Setúbal. Já algumas organizações se pronunciaram. Dos sindicatos temos já o apoio expresso dos Transportes Rodoviários e da Indústria Hoteleira. Das Comissões de Moradores e de trabalhadores já há bastantes que apoiam, sendo as de moradores a maioria.

Relativamente às organizações políticas pronunciaram-se a dar apoio o PS, FSP, LCI, MES, PRP, UDP e o MRPP. Pronunciou-se pelo não apoio o PCP, tendo o MDP não dado qualquer resposta.

Nós iremos levar para a frente no próximo dia 21, uma jornada de luta que queremos seja uma grande jornada com o apoio de todos os sindicatos, moradores e trabalhadores, exigindo o cumprimento da Constituição.

Estamos também em ligação com as comissões de luta contra a especulação das rendas, de Lisboa e do Porto. Contactaremos com estas comissões para que elas levem também a efeito jornadas de luta como a de Setúbal.»



## MATOSINHOS

# A GNR NÃO CONSEGUIU DESPEJAR UMA FAMÍLIA

As acções de despejo continuam. Para as executar o Governo manda as suas forças repressivas, verificando-se, no entanto, que por vezes essas forças saíam-se mal do seu trabalho. Isto acontece sempre que há uma forte mobilização dos trabalhadores, que organizados conseguem que os despejos não se efectuem.

Desta vez, aconteceu em Matosinhos, no passado sábado, 8: a família do pescador Manuel Barros Araújo ia ser despejada às 9 horas da manhã, da casa onde vive com dois filhos e

a mulher, na Rua de S. Pedro junto ao café Girassol.

A senhoria, Arminda Casaleira, sempre se tinha recusado a falar com a família em causa, quando esta tentava chegar a um acordo para pagar o contrato de arrendamento, pois estava interessada em alugar a casa a umas pessoas da Póvoa de Varzim, as quais já têm nesta terra, a sua casa.

Elevado número de trabalhadores solidarizou-se com a família ocupante, tendo conseguido que a GNR não levasse a bom termo as suas intenções.



# AS CLASSES SOCIAIS NA TRANSIÇÃO PARA O SOCIALISMO

O texto que se segue é mais um capítulo do livro «E Agora? O Proletariado na Hora das Grandes Escolhas», editado pela direcção do P R P e aparecido a público no dia 1 de Maio de 1976

Para além da tomada do poder pelos trabalhadores e depois de acabar com a propriedade privada dos grandes meios de produção outros problemas sociais subsistem, novas contradições sobressaem, em relação aos quais se tem de encontrar soluções revolucionárias. Na sociedade de transição e tanto mais quanto ela se passe num país com sérias dificuldades económicas como o nosso, os novos problemas sociais que surgem não são fáceis de resolver e podem ser habilmente explorados pelo inimigo. A situação que existiu em Portugal durante alguns meses, embora não se tratasse de uma sociedade de transição, mostrou-nos no entanto algumas características que coincidem com problemas desta ordem.

Um dos problemas a vencer é o abismo que se cria entre a cidade e o campo. O proletariado industrial consegue, pela sua capacidade de organização, obter um nível de salários que o distanciam do trabalhador rural e sobretudo do pequeno camponês. Por outro lado, e pelos mesmos motivos ele é o obreiro da revolução. O proletariado industrial é a grande força à volta da qual se aglutinam outras forças. Sem dúvida que é ele que toma o poder, mesmo fisicamente. A memória destes dois anos de movimentação social demonstra-nos quem é que veio para a rua, quem se moveu, quem sitiou S. Bento. Também sabemos onde é que há organização autónoma dos trabalhadores e onde é que não há; quando num poder de transição se forem buscar delegados do Poder Popular, eles só poderão vir donde este existir. Não há pois dúvidas que quem tomará as rédeas do poder será o proletariado industrial. Essa circunstância irá determinar uma tendência acentuada para privilegiar este extracto social em detrimento doutros sectores da mesma classe ou em detrimento de outras classes exploradas. É em relação a isto que os revolucionários têm de ter a firmeza necessária para não deixar que as coisas sigam aqui o curso que tiveram noutros países, com tão más consequências. É há que travar uma luta ideológica com a classe operária no sentido de fazer compreender que, se quiser comer, tem de fazer na prática a aliança com os camponeses pobres. Para tal, há que tomar medidas concretas. Há que descentralizar o poder central, criando centros de poder e de decisão, com recursos financeiros, nas zonas rurais. Mas esse poder tem de acenar em estruturas de base dos pequenos camponeses — conselhos de aldeia, comissões de cooperativa — que sejam não apenas elos de liga-

ção com o poder central mas também uma estrutura que resolva os problemas locais, com capacidade administrativa, com poder de resolução.

A estrutura de comércio interno tem que garantir preços em relação aos produtos agrícolas que permitam rentabilidade às pequenas e grandes empresas e que tornem possível um poder de compra em relação aos pequenos camponeses, que os aproxime dos operários. Isso permitirá que os camponeses não se sintam marginalizados no processo e explorados pela cidade. Há, também que possibilitar aos habitantes das áreas rurais o acesso aos meios de Saúde e Ensino, que existem na cidade; e esta medida depende da planificação socialista. Por outro lado a integração do Ensino Secundário na produção local, permitirá que entre a escola e as empresas agrícolas se estabeleça uma interpenetração que permita que não haja a divisão dos jovens entre a casta que se destina às escolas e a casta que se destina a assegurar o trabalho no campo. Isto é, na nossa concepção, todo o jovem habitante das zonas rurais deve ter acesso à escola secundária, dando, a partir de certa idade um certo número de horas de trabalho ao trabalho agrícola. Por sua vez a escola estudarà teórica e praticamente os problemas da região. Este é o único caminho para evitar a divisão entre «os que estudam» e os que ficam escravizados à terra, entre os burocratas e as bestas de carga.

Finalmente há que permitir que as zonas rurais tenham acesso aos espectáculos e «divertimentos» existentes nas cidades, abandonando a concepção da intelectualidade pequeno-burguesa e progressista que quer preservar a «pureza» do campo, consumindo o folclore e fornecendo a «cultura» a conta-gotas, de acordo com pretensas conclusões das necessidades das populações rurais. Isto não quer dizer que não se faça um amplo debate sobre o problema da cultura do campo e da cultura da cidade e que não se faça uma programação. Mas não podem ser os «cérebros» da cidade a decidir quais são as necessidades do campo; essa é uma forma mais ou menos airosa de aumentar uma dominação cultural.

Há que reflectir também sobre aquilo que noutros países se tornou na burocracia agrícola. Isto é, o nascimento dum grupo social que são os burocratas das empresas agrícolas. Com a criação de empresas agrícolas do estado e de cooperativas, essas empresas têm com certeza necessidade dum máquina

burocrática, com contabilidade, escrita, etc. Nalguns países em transição para o socialismo essa máquina burocrática criou uma casta de empregados que se transformaram nos reizinhos locais, dominando os outros trabalhadores das herdades pelo facto de terem um trabalho mais limpo, pelo facto de serem os intermediários com a cidade e o poder central. Tornaram-se quase sempre em policiais dos outros trabalhadores. Este grupo social tornou-se na URSS uma forte base de apoio para o stalinismo. Se em Portugal a organização das herdades colectivas permitir este tipo de gente, criar-se-ão relações da mesma espécie seja quem for que estiver no poder.

Evidentemente que o problema não é fácil de resolver porque não se pode pôr, por exemplo, um analfabeto a escrever; mas a solução tem de passar pela acumulação de vários tipos de trabalho pela mesma pessoa, desde os mais rudes até aqueles que conferem poder, revezando-se os trabalhadores nas várias tarefas burocráticas e de campo.

Problemas diversos virão também da situação da pequena burguesia na sociedade de transição. Neste aspecto há que distinguir entre os vários extractos que se podem englobar dentro da pequena burguesia.

A pequena burguesia é por definição aquela que possui pequenos meios de produção — pequenas propriedades agrícolas, pequeno comércio, pequena indústria. Mas englobam-se também na pequena burguesia os trabalhadores dos serviços, que, não possuindo coisa nenhuma, têm no entanto um nível de salários e um tipo de trabalho que os coloca ideologicamente do lado da pequena burguesia.

Para além da pequena burguesia rural de que já falámos, a pequena burguesia comerciante e industrial tem que merecer a atenção dum programa revolucionário de transição para o socialismo. Muitos pequenos comerciantes e industriais estão em falência, completamente arruinados pela crise. A solução não pode ser criar-lhes a ilusão, como fazem os reformistas, de que podem subsistir em livre concorrência com as grandes empresas nacionalizadas; isso não é possível. Mas os pequenos comerciantes e industriais e os seus empregados não podem ser deixados ao abandono, ao sabor dum ritmo certo de falência. A pequena empresa e a média empresa não nacionalizada têm de ser envolvidas pela planificação, contribuindo para determinado plano de produção; não produzirão portanto de forma anárquica, para anarquicamente se meterem no mercado caprírio, que não seja repressivo e dê liberdade de expressão, mas que dadas garantias sociais a patrões e empregados. Isso permitirá que os pequenos comerciantes e industriais, importantíssimos, para o combate pela segurança que lhes é oferecida a certos vícios sociais.

e que lhes tira grande número de problemas (de doença, de invalidez, de velhice, de dívidas) não se colocuem ao lado dos inimigos da revolução. Para muitos a Revolução Socialista será mesmo uma solução.

O mesmo não se passará com certo tipo de pequena burguesia dos serviços e das profissões liberais, para quem a revolução socialista será decerto um forte abalo nos seus privilégios. Esta fará coro com a média e grande burguesia.

Nela se englobam os quadros das empresas, de empregados de escritório a partir de certa categoria, os bancários, os médicos, os engenheiros, os advogados. Todos eles sabem que os seus rendimentos mensais, embora não provindo da posse de qualquer propriedade (todos eles dizem; «não somos trabalhadores, não possuímos nada!»), serão fortemente abalados numa sociedade onde se pretende acabar com os privilégios. O seu nível de poder de compra terá de aproximar-se do do operário e do trabalhador rural. E muitos serão deslocados do trabalho actual para outros tipos de trabalho, mais rudes e menos sossegados; a sociedade não pode continuar a suportar o peso dum população dos serviços, que é neste momento mais dum terço da população trabalhadora.

Por outro lado, pelo boicote do imperialismo, pelas nossas dificuldades em divisas e pelas nossas dificuldades de produção, desaparecerão do mercado muitos bens de consumo que hoje são largamente comprados por essa pequena burguesia com poder de compra. A maior parte são bens de consumo superfluos, mas que a pequena burguesia lamentará, não querendo saber se a ausência do aparelho doméstico de último modelo, do produto de cosmética estrangeira, dos fatos de última moda, do «whisky», nesta fase é necessária para que outras classes não vivam na miséria. Essa pequena burguesia acompanhará a média e grande burguesia nos seus protestos diários contra a nova situação; encherá os supermercados, os cafés e a imprensa estrangeira de todos os lamentos anticomunistas, apelando à «liberdade». E será um veículo para as manobras policiais imperialistas.

Mas mais uma vez não será com a repressão que se encontrará uma solução. É pela reorganização social, pela reconversão económica, pela revolução cultural, que este mal se combaterá.

Os grandes meios de comunicação — jornais, Rádio, Televisão — usados por um poder revolucionário, que não seja repressivo e dê liberdade de expressão, mas que dadas garantias sociais a patrões e empregados. Isso permitirá que os públicos, podem ser instrumentos pequenos comerciantes e industriais, importantíssimos, para o combate pela segurança que lhes é oferecida a certos vícios sociais.



# O PCP (R) E O ANTIFASCISMO

O órgão central do PCP (R), de 6 de Maio último, deu à luz um artigo sobre o PRP, em que nos acusa de sabotadores da unidade antifascista, pequeno-burgueses e outras coisas mais. A propósito dele, julgamos indispensável tecer algumas considerações.

O artigo em questão, é um belo exemplo de como há alguns que, reclamando-se do marxismo e da revolução, não passam de tristes falseadores da realidade e, logo, de candidatos a cozeiros dessa mesma revolução. A aldrabice e a distorção dos factos e da história não são próprios de uma análise e crítica marxistas: são pseudo-explicações que burgueses e revisionistas utilizam habitualmente para mistificar os problemas reais. Mas, vamos ao concreto.

1. O PCP (R) diz que a direcção do PRP inventou uma pseudo-argumentação para justificar a posição do partido face às eleições para a chamada Assembleia da República. Ao contrário do que diz o PCP (R), a posição assumida por nós resultou de uma longa análise em várias instâncias do partido e culminou com uma reunião de responsáveis nacionais do PRP, em que a posição a assumir foi aprovada por unanimidade. Portanto, a forma como o PCP (R) coloca as coisas é caluniosa.

2. O PRP não «lançou ataques constantes contra forças como a UDP e o MES». O que houve da nossa parte foi uma explicação pública dos acontecimentos verificados no período em que se tentou estabelecer uma plataforma unitária; o que houve da nossa parte, foi uma crítica, entre militantes de esquerda, à análise da situação e à tática adoptada por essas forças políticas.

Mas há espíritos «marxistas», que levam a vida a penitenciar-se com constantes «autocríticas», e que não são capazes de suportar minimamente uma crítica de fundo. E, assim, se verifica como o PCP (R) distorce a realidade.

2. Referindo-se à nossa proposta de luta antifascista e anticapitalista, para o período eleitoral, diz o PCP (R) que à «política recuada» da UDP opúnhamos uma «campanha insuportável para a burguesia» e que, entretanto, nos havíamos limitado à agitação de alguns milhares de cartazes. Em primeiro lugar, não foram apenas milhares de cartazes; foram muitas centenas de milhares de documentos do partido, foram as sessões de esclarecimento por vários pontos do País, (que a generalidade dos órgãos de Informação não referiam), e foi o trabalho político por nós levado a cabo neste período, nas fábricas, nos campos, nos quartéis e nas ruas. Em segundo lugar, e onde a mistificação tentada pelo PCP (R) é mais clara, é quando este partido «esquece» que esta campanha «insuportável para a burguesia» não se destinava a ser levada a cabo apenas pelo PRP. O PCP (R) «esquece» que se tratava de uma proposta para acção conjunta do PRP, MES, FSP, UDP, órgãos do poder popular e progressistas saneados dos quartéis e da informação. Portanto quando o PCP (R) conhecendo bem as coisas, coloca assim a questão, está a mentir, está a escamotear um problema de fundo, e está novamente

a distorcer a realidade.

4. Diz o PCP (R) que a nossa acção face à actual situação política tem sido sabotadora da unidade das forças antifascistas e refere as passadas eleições, e refere manifestações. A propósito das eleições para a chamada Assembleia da República, para quem não é mecanicista, colocava-se o problema de qual a tática justa a adoptar: devia-se ou não participar nestas «eleições» e, se sim, como fazê-lo. Dentro da tática que o PRP considerou justa, fez uma proposta unitária que estava muito para além dos interesses do PRP, muito para além dos interesses de qualquer partido. O que já é de estranhar é que a UDP, que apresentava uma tática semelhante à do MES e à da FSP, no que respeita ao aproveitamento do período eleitoral, tenha desde cedo colocado os seus interesses de grupo acima da unidade requerida, justificando que era preciso demarcar a corrente da democracia popular das restantes. E, a propósito das manifestações, o PRP está farto de falsas unidades e das manobras partidárias que andam por detrás delas. O caso referido pelo PCP (R) diz respeito a mais uma manobra deste partido, como muitas outras, e algumas ainda bem recentes, onde o PCP (R) e a sua frente UDP costumam instrumentalizar órgãos que deveriam estar ao serviço dos trabalhadores e moradores e não de qualquer partido. Mas estas forças políticas estão longe de compreender a necessidade da verdadeira unidade e autonomia das classes trabalhadoras. A forma como a praticam em pouco fica a dever ao controleirismo e manipulação que é prática habitual do PCP e das organizações que este controla.

5. Por outro lado, os números. Um mínimo de rigor nas informações, não parecem questões importantes para estas cabecinhas do PCP (R). Ou, então, é a eterna necessidade de tudo distorcer.

O PC (R) fala em 85 por cento de votantes. Talvez seja conveniente lembrar-lhes que mais de 1 300 000 eleitores, ou seja mais de 20 por cento dos inscritos, não votaram em nenhum partido; que o PRP não advogou apenas a abstenção mas também o voto nulo e que muitos dos nossos militantes e simpatizantes adoptaram esta última forma, por motivos de segurança ou outros. Mais: o PRP não reivindicou para si nenhuma percentagem de votos ou abstenções, como

insinua o artigo do PCP (R). Talvez o fizesse, se fosse tão ingénuo ou secretário, como o é o PCP (R), que no mesmo número do referido jornal e a propósito de Angola (conhecidas como são as suas posições contrárias ao MPLA), diz «(...) O proletariado português, representado pelo PCP (R), sela assim a amizade (...)» Quem lhes entregou a representatividade do proletariado português? Como são ridículos!

6. E havendo muito mais a dizer, vamos, contudo, terminar com a última parte do referido artigo. Diz o PCP (R), à imagem e semelhança do PCP, que a posição do PRP nas últimas eleições foi «sabotagem deliberada da acção das forças antifascistas», «um bom serviço à reacção nacional e internacional». Por este raciocínio não compreendemos como é que a direcção do PCP (R) não desistiu das

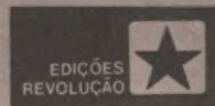
eleições e não ordenou aos seus militantes e simpatizantes para votarem no PCP, pois talvez tivessem, assim, aumentado em alguns elementos a célebre «maioria de esquerda». E, que diabo, as diferenças de prática política não são tão grandes! Só que uns tem mais implantação e já mostraram o que valem no aparelho de Estado, enquanto os outros ainda não tiveram essa oportunidade.

Depois diz o PCP (R): «Não duvidamos que existam sinceros antifascistas no PRP». Será caso para perguntar — também haverá fascistas no PRP? Nós não falamos de igual modo do PCP (R), mas isto da sinceridade antifascista demonstra-se na prática e, talvez, a título de exemplo, talvez fosse de perguntar a alguns dos actuais dirigentes do PCP (R) se o seu anterior comportamento na Polícia foi de sinceros antifascistas?

À venda

## E agora?

# O proletariado na hora das grandes escolhas





## internacional

# O QUE É O IRA

## EXÉRCITO REPUBLICANO IRLANDÊS



O Exército Republicano Irlandês foi formado em 1919. A ele se deve a Guerra da Independência de 1920. Depois de ter sido assinado o tratado em 1921, deixando os seis condados do Norte sob controlo da Inglaterra, o IRA dividiu-se: uma parte formou o Exército do Estado Livre Irlandês que, durante a guerra civil, apoiou o tratado; a outra parte ainda hoje mantém o nome de Exército Republicano Irlandês (IRA) e luta pela independência nacional completa.

Depois da derrota do IRA face às tropas do Estado Livre, em 1923, a sua actividade diminuiu consideravelmente. Em 1936, um sector importante do IRA dirigiu-se para Espanha, onde lutou contra Franco.

Nas décadas de 40 e 50, o IRA organizou ataques esporádicos junto à fronteira entre o Norte e o Sul.

### CISÃO DE 1970: A VIOLÊNCIA ARMADA

Em 1968, começou, entre católicos do Norte, o movimento dos direitos civis. Exigia-se o fim da discriminação na obtenção de empregos e de casas e a reformulação dos princípios eleitorais que garantiam a dominação protestante. Inicialmente, este movimento organizava apenas protestos pacíficos mas, em Agosto de 1969, as áreas católicas de Belfast foram atacadas por um destacamento de polícia de choque, formado por protestantes, os B-Specials, posteriormente dissolvidos, tendo-se então muitos dos seus membros alistado nas forças protestantes para-militares. Morreram nove pessoas e cerca de quinhentas casas — na sua maioria pertencentes a católicos — foram incendiadas.

Em resposta ao pedido de protecção da população católica o IRA reorganizou-se e transformou-se numa organização poderosa

No princípio de 1970, o IRA cindiu-se em duas facções: o IRA provisório e o IRA oficial. A cisão entre provisórios e oficiais resultou de um desacordo quanto ao problema do recurso à violência armada. Os provisórios sus-

tentam a necessidade de recorrer à luta armada, até à derrota final do Exército inglês e à total desaparecimento da presença inglesa no Norte da Irlanda. Os oficiais defendem o recurso à violência e às armas numa perspectiva defensiva, mas argumentam que a unificação da Irlanda terá de ser obtida sobretudo através da acção política.

Ambos os sectores do IRA proclamam lutar por uma República irlandesa socialista, com os trabalhadores no poder, mas diferem radicalmente quanto aos processos de o conseguir. Os oficiais dizem que é necessário contar com uma base de apoio na classe operária do Sul. Gostariam também de obter no Norte, mas tal tem-se verificado impossível, uma vez que a maioria dos trabalhadores industriais é de origem protestante e tende a adoptar uma atitude reaccionária em relação à luta na Irlanda do Norte. Os oficiais negligenciam a questão nacional e limitam-se a pedir direitos civis para os católicos, além da retirada das tropas inglesas para os quartéis. No entanto, têm desenvolvido trabalho apreciável na Irlanda do Sul, onde parecem ter ganho maior influência do que os provisórios, embora ambas as organizações reconheçam a necessidade de subtrair os vinte e seis condados (Irlanda do Sul) ao controlo da burguesia irlandesa. Nos últimos anos, a política reformista adoptada pelos oficiais resulta claramente da crescente influência que sobre eles exerce o Partido Comunista da Irlanda.

A atitude mais directa dos provisórios grangeou-lhes enorme apoio entre a população católica, que se apercebeu da impossibilidade do Estado em garantir os direitos civis, uma lição duramente aprendida através da experiência do movimento dos direitos civis. Foi-lhe oferecida uma «solução» social-democrática, sob a forma do Partido Trabalhista Social-Democrata (SDLP), mas este partido não logrou conquistar o apoio da maioria da população católica, apesar dos esforços da Igreja e das classes médias católicas. Este falhanço assegurou aos provisórios, vistos pela população como

Se amanhã expulsarmos o Exército inglês e içarmos a bandeira verde no castelo de Dublin, todos os esforços terão sido vão se, entretanto, não se for alicerçando a organização da República socialista. A Inglaterra continuaria a dominar-nos através dos seus capitalistas, dos seus latifundiários, dos seus financeiros, através de todo o aparelho de instituições comerciais e sociedades que plantou neste país e regou com as lágrimas das nossas mães e o sangue dos nossos mártires

aqueles que atacavam os ingleses, (o velho inimigo), o apoio dos jovens de ambos os sexos que tinham crescido nessa comunidade ameaçada, sempre na expectativa do desemprego, vivendo em casas sem condições e sujeitos a uma educação sem perspectivas. Esse apoio deve-se também a que, durante muito tempo, os provisórios foram os vencedores

### A LUTA CONTRA O IMPERIALISMO INGLÊS

Grandes áreas de Belfast e Derry estiveram várias vezes sob o seu controlo e o Exército e a polícia não podiam lá entrar

Nestas áreas, foram estabelecidas organizações para policiamento e limpeza das ruas, centros de ajuda aos presos políticos, jornais locais e estações de rádio clandestinas para combater a propaganda do Estado inglês.

No entanto, têm sido feitas severas críticas por não se ter ido suficientemente longe na organização da população. Por exemplo em Derry, a Igreja nunca foi denunciada como uma força reaccionária junto da população.

Como o Governo e o Estado ingleses representaram um tão grande papel no desenrolar dos acontecimentos na Irlanda, as exigências da população católica, que eram inicialmente dirigidas ao Governo Unionista, são agora dirigidas ao poder central inglês. Começando por exigir uma mais larga participação no Estado da Irlanda do Norte, exige agora o desmantelamento completo do Estado, a retirada da Irlanda das tropas inglesas, o acabar da presença inglesa sob qualquer forma e a unificação do país. Para muitos, porém, isto não deverá significar a submissão a um Governo conservador e pró-imperialista como os que têm dominado no Sul; mas há diferenças de classe entre a população católica e, assim, mudam também os objectivos e os métodos.

A população lealista, embora muito

mais diferenciada do ponto de vista de classe do que a população católica, tem-se em geral revelado hostil à hipótese de alterações que possam afectar a sua ascendência e privilégios relativos. Alguns sectores das classes médias sentem-se tentados a aceder às pressões dos católicos e os ingleses desejam manter a estabilidade, mas a pequena burguesia, e os trabalhadores sob a sua direcção, tem-se empenhado na batalha reaccionária de restaurar um estado completamente dominado pelo lealismo. Tem mesmo admitido o recurso à guerra civil e a declaração de independência em relação à Inglaterra como meio de o atingir.

Marx, que escreveu bastante sobre a luta na Irlanda e a sua relação com a luta na Inglaterra, disse: «Acreditei durante muito tempo que seria possível superar o regime irlandês através do acesso ao poder da classe operária inglesa. Entretanto, e em resultado de um estudo mais profundo, convenci-me do contrário. A classe operária inglesa nunca poderá realizar coisa alguma enquanto não se libertar do problema irlandês. A solução terá de passar pela Irlanda e é por isso que o problema irlandês é tão importante para o movimento social em geral».

NOTA: Além do IRA, outras organizações tem tentado, em momentos diferentes e com resultados variáveis, contribuir para a solução do problema da Irlanda. Estão nesse caso o Irish Republican Socialist Party, o Peoples Democracy e o Socialist Workers Movement e, mais recentemente, o Irish Committee for a Socialist Programme

Em Inglaterra, e para além do trabalho desenvolvido pelas diversas organizações revolucionárias, existe agora um movimento unitário, Troops Out (Fora as Tropas), que tem conseguido reunir considerável apoio da classe operária inglesa à luta dos seus irmãos irlandeses

### CHILE

## A ditadura os conluos e o imperialismo

A Ditadura Terrorista Chilena libertou 49 presos políticos para tentar «melhorar a sua imagem» nas vésperas da visita do Secretário norte-americano do Tesouro, William Simon.

A visita do secretário de Estado «Vankee» reveste-se de grande importância para o regime militarista de Pinochet, na medida em que este busca uma recuperação capitalista da economia, seriamente abalada pela Resistência Revolucionária e pelo isolamento internacional. Os Estados Unidos nunca negaram o apoio às Ditaduras Militaristas da América Latina, mas portaram-se com uma «certa timidez» devido às fortes manifestações de apoio aos revolucionários e ao povo Chileno.

No momento em que o secretário de Estado inicia a sua viagem ao Chile, o secretário geral do Partido Socialista, Carlos Altamirano declara em

Belgrado que mais de 40 mil pessoas foram assassinadas no Chile depois da instauração da Ditadura. Pelos campos de concentração passaram mais de 150 mil pessoas e meio milhão abandonaram o país por motivos políticos e económicos. Actualmente encontram-se ainda nos campos de concentração mais de 8 mil presos políticos mantidos em condições infra-humanas de sobrevivência.

Em Lisboa a Embaixada da Ditadura Chilena continua ostentando a bandeira de um país onde o povo é oprimido, explorado e reprimido. Apesar das manifestações contrárias à Junta Militar, os Governos Provisórios deixaram manter-se aqui esta representação diplomática servidora dos interesses imperialista, o que demonstra o conluio existente e a ausência de solidariedade com um povo em luta.





# A social democracia mata Ulrike Meinhof

Ulrike Meinhof, militante anarquista, de 41 anos, foi encontrada enforcada com uma toalha, na sua cela solitária, na cadeia de Stammheim.

O grupo Baader-Meinhof, do qual foi impulsionadora, desenvolveu várias acções contra o sub-imperialismo alemão ocidental e contra as bases militares americanas. Em Maio de 1970 Meinhof ajudou Baader a evadir-se da cadeia onde se encontrava desde 1968.

O grupo foi capturado em 1972. Um dos seus processos decorria há mais de um ano sem ser concluído. Entretanto, alguns elementos do grupo já tinham sido condenados anteriormente.

O suicídio de Meinhof é devido, em grande parte à «tortura do isolamento», tendo os prisioneiros sido mantidos vários meses em regime de incomunicabilidade.

As acções e as greves de fome em prisões provocaram forte repressão das forças policiais da Alemanha Ocidental. Em 1974 Holger Meins, anarquista, morreu depois de uma greve de fome. Recorde-se que foi descaradamente apresentado nos «écrans» europeus em estado de debilidade extrema.



ULRIKE MEINHOF

## ITÁLIA EM PERÍODO DE ELEIÇÕES

# Violência reaccionária e violência revolucionária

Multiplicam-se os atentados fascistas contra a esquerda italiana. Várias sedes do Partido Comunista Italiano foram atacadas com bombas incendiárias em Roma, Milão e Florença, assim como algumas fábricas incendiadas.

Na quinta-feira, 29 de Abril, foi executado por forças de esquerda o político neofascista Enrico Pendonovi. No dia anterior fora assassinado pelos neofascistas um jovem da esquerda revolucionária, morto em consequência dos ferimentos recebidos à navalhada.

Este «clima de violência», de acordo com os governantes, poderia «prejudicar as eleições legislativas» marcadas para 20 de Junho. O Parlamento (Câmara de Deputados e o Senado) foi dissolvido por Geovanni Leone no passado dia 1, sendo que o Governo minoritário de Aldo Moro resignou depois de 80 dias da sua entrada em funções.

Estas eleições têm grande importância para o Partido Comunista de orientação reformista (o mais à direita da Europa) que conta actualmente com 1 738 000 filiados. O Partido Comunista, se conseguir um bom resultado eleitoral, poderá vir a formar um Governo de coligação com o Partido Socialista minoritário. O PCI defensor do «compromisso histórico» e passivo perante a NATO não será uma séria ameaça para os capitalistas europeus, apesar de preocupar os americanos quanto à «estabilidade» da região do Mediterrâneo. Este é o ponto de vista do industrial Agnelli da Fiat que declarou recentemente que a «entrada dos comunistas no governo não é caso para assustar», possivelmente pelos «compromissos» de conciliação, antioperária assumidos pelo reformismo italiano.

A campanha eleitoral será marcada por uma onda de violência política e um anticomunismo primário, ao qual os revolucionários terão que respon-

der com a violência das massas, contra a conciliação de classes e os ataques da direita e a ingerência do imperialismo. É difícil prevermos as consequências destas eleições legislativas dada a complexa situação político-económica que vive a Itália neste momento, quando existem pressões internas e externas contra a esquerda por parte dos governos reaccionários europeus e dos Estados Unidos e quando, a nível interno, a actuação do PCI é contrária ao avanço de uma alternativa revolucionária da esquerda.

As pressões externas já se fazem sentir pelos porta-vozes do imperialismo. O antigo secretário norte-americano do Tesouro, John Connally declarou «organizar um grupo anticomunista que combata a vitória da esquerda». Ao mesmo tempo o ministro dos Negócios Estrangeiros da Alemanha Hans D. Gensher em entrevista para a rádio alemã afirma que uma vitória comunista na Itália traria «graves problemas» para a Europa e para a Nato. Entretanto o PCI faz os «compromissos» conduzindo as massas para uma «saída» ilusória e eleitoralista, «saída» que poderá trazer consequências antioperárias tão graves e inevitáveis como aconteceu em Portugal quando assistimos a uma política conciliatória e de traição da classe operária do PCP e que culminou com o golpe de 25 de Novembro.

# SOLIDARIEDADE COM OS REVOLUCIONÁRIOS DO CHILE, BRASIL E ARGENTINA

Edgardo Enriquez, militante da resistência popular chilena e dirigente do Movimento de Esquerda Revolucionária (MIR), preso na Argentina, em companhia da estudante brasileira Regina Marcondes, no dia 8 de Abril, continua desaparecido e a Ditadura Militar Argentina mantém um completo silêncio sobre a prisão dos dois camaradas.

Os militares argentinos trabalham em estreita colaboração com as ditaduras dos países vizinhos, nomeadamente, do Brasil, Chile e Uruguai. Em várias ocasiões foram sequestrados militantes revolucionários brasileiros, chilenos e conduzidos para os seus países de origem, entregues nas mãos dos torturadores do povo trabalhador.

A Junta de Coordenação Revolucionária, emitiu recentemente um comunicado em que apela para a solidariedade internacional no sentido da Ditadura Militar reconhecer a prisão dos companheiros e libertá-los imediatamente. É nosso dever militante lutar pela libertação dos revolucionários presos em outros países, quando desenvolvem importantes tarefas na luta contra o capitalismo e o imperialismo.

O Comunicado da Junta de Coordenação acentua «que os militares argentinos tem mantido até agora o mais completo silêncio sobre a prisão dos nossos camaradas. Isto não sucede por acaso. Os gorilas que se tornaram uma vez mais os donos do poder na Argentina, tentam apresentar-se aos olhos do mundo como pessoas sensatas e moderadas, sem outro objectivo que não seja o de restabelecer a ordem no país, sacudido por uma superinflação, pela corrupção e pelos «extremismos de esquerda e de direita».

E mais adiante, os camaradas fazem referência à política económica dos «generais argentinos» como sendo a de «combate à inflação baseado na redução brutal da despesa pública e na super-exploração do proletariado, submissão total do país aos monopólios. Para atingir esses dois objectivos, os generais devem, em primeiro lugar quebrar a combatividade dos trabalhadores argentinos e, em segundo lugar, vencer as reticências dos sectores da pequena e média burguesia que poderão desconfiar das consequências económicas e políticas duma tal linha. Somente uma remodelação institucional e uma repressão sistemática e brutal sobre os trabalhadores e a esquerda poderia garantir o sucesso de Videla e dos seus generais».

Os companheiros latino-americanos desenvolvem uma luta revolucionária inquebrantável contra as ditaduras militares na América Latina. Cabe-nos aqui solidarizar-nos com os camaradas e, uma vez mais, denunciar os crimes das ditaduras militares reaccionárias, bem como a política de conciliação de classes dos reformistas que conheceram na Argentina o governo militar de direita fazendo sérios ataques aos «esquerdistas», àqueles que combatem consequentemente e sem tréguas a exploração capitalista e o imperialismo.

É urgente salvar a vida de Edgardo Henriquez e de Regina Marcondes. Evitemos o seu assassinato, evitemos que eles sejam entregues aos carrascos chilenos.

Viva o Internacionalismo Proletário.

# Campanha de solidariedade com o povo angolano

O Sector de Relações Internacionais do PRP alerta todos os militantes e simpatizantes do Partido para acentuarem o desenvolvimento da Campanha de Solidariedade com o Povo Angolano.

É necessário desenvolver a Campanha junto às Comissões de Trabalhadores e Moradores, Sindicatos e órgãos de poder popular para demonstrar o nosso espírito internacionalista e entregar o nosso apoio concreto à justa luta do povo Angolano.

É necessário arrecadar fundos para aquisição de medicamentos e roupas. Os medicamentos mais necessários são anti-infecciosos, anti-sépticos gerais e intestinais, sulfamidas, antibióticos, antiparasitários, antipalúdicos, antifúngicos, analgésicos, vitaminas, antipiréticos, anti-espasmódicos, etc, assim como alimentos em conservas e bolachas, tabaco e roupas para crianças.

A contribuições deverão ser entregues nas sedes do PRP e das organizações progressistas que sempre apoiaram a justa luta do povo angolano e apoiam a Campanha de Solidariedade.

SOLIDARIEDADE COM O POVO ANGOLANO  
VIVA O INTERNACIONALISMO PROLETÁRIO



# Revolução

Composição e impressão: Renascença Gráfica. Distribuição: DIG — Rua das Chagas, 2 — Lisboa

AVENÇA

## EDITORIAL

### APOIAMOS OTELO PORQUE É O CANDIDATO DO PODER POPULAR

Enquanto o GIS navegava nas águas do Mediterrâneo, OteLO apareceu a homens e mulheres do Poder Popular e disse-lhes que, se o movimento popular assim o exigir, se candidatará às presidenciais. Como sempre «metendo o pé na poça», o que é decerto uma das suas características mais apreciadas pela «malta», o general disse, decerto, mais do que esperaríamos todos os sentidos. O general parte sempre a loiça da burguesia — grande, média e pequena.

E é já por todo o País que se formam comités, que há assembleias de fábrica (veja-se o caso da Setenave) que apoiam a candidatura revolucionária. Isto é o início dum movimento de massas que se vai assemelhar à candidatura de Delgado. Mas quase vinte anos depois, já não é apenas a grande manifestação antifascista que foi na época, mas é também um grande movimento anticapitalista, dum massa trabalhadora que aprendeu qual é exactamente o perfil do inimigo.

Esse inimigo arranjou uma imagem de um pilar: o general Eanes. Uma boca cortada à faca, uns olhos escuros, uma expressão de pedra, um uniforme impecável, um apreciador de Wagner e de poesia. Um homem de raça pura, defensor do exército profissional, do brío do oficialato, da submissão dos soldados, da disciplina; enfim, um sólido defensor da burguesia.

E perante esta estátua que se inclinam as várias direitas (e convém notar que é também esta estátua que nos faz ir a tribunal no dia 18 — assim funciona o aparelho de Estado).

E o PS, digno representante da traição social-democrata aí está também, como era de esperar, a prestar vassalagem. De rabo para o ar, aí os temos todos inclinados. Manda o chefe.

Mas a burguesia tem os seus ques. Inesperadamente, Pinheiro de Azevedo aparece despeitado. Também quer ser candidato! E a direita fica aflita. Pela primeira vez os jornais de direita caricaturizam Pinheiro de Azevedo. E já a voz dos votos divididos!

E, nisto tudo, há uma personagem que mexe e remexe. Nada numa mão, nada na outra, o que é que pode tirar do chapéu o ilusionista? Esse personagem é o PC. Depois da tampa do PS resta-lhe uma alternativa: negociar com Ramalho Eanes as condições para o futuro, condicionando um apoio do partido. Mas Ramalho Eanes está-se nas tintas para o PC. Então que fazer? Pinheiro de Azevedo? Demasiadamente sós para essa sinistra aventura Costa Gomes? Não vai lá sem PS. E ao ilusionista só resta um candidato: PC ou apoiar OteLO. E as suas bases, os militantes das fábricas de Lisboa, do Porto, de Setúbal, os militantes do Alentejo, das cooperativas que já fizeram a escolha — escolheram OteLO.

Pois este não é o candidato deste ou daquele partido, é o candidato do Poder Popular, o candidato das massas trabalhadoras.

# NOTÍCIAS



## RAMALHO EANES PROCURA UMA COBERTURA PROGRESSISTA

Tem sido à volta da ideologia do «consenso das Forças Armadas» que a reacção se tem servido para desferir golpes sobre os trabalhadores. Já se camuflaram com o documento dos «Nove», avançando nesse momento com Melo Antunes como tendo o consenso das Forças Armadas, mas agora que este major caiu em desgraça avançam com Ramalho Eanes. Para além das unidades militares que neste momento não apoiam tal candidatura, para não falar já em Regiões Militares, e para além de um grande número de oficiais que também se opõem, sem falar da grande massa dos soldados, a verdade é que nem dentro do Conselho da Revolução tal candidatura terá obtido o consenso das Forças Armadas. Consta que na consulta feita aos conselheiros do Exército no CR o resultado foi cinco contra tal candidatura e quatro a favor, só numa segunda consulta o resultado lhe foi favorável com cinco a favor e quatro contra, tendo Melo Antunes mudado de campo entre as duas consultas.

## BASES DO PARTIDO SOCIALISTA NÃO SEGUEM A DIRECÇÃO NO APOIO A R. EANES

Três secções do PS do concelho de Gondomar: Fanzeres, Rio Tinto e S. Pedro da Cova em reunião conjunta enviaram um telex «avisando» as cúpulas do PS que não apoiariam a candidatura de Ramalho Eanes.

O núcleo da Juventude Socialista de Vila Nova de Gaia em reunião realizada na sexta-feira, dia 7 decidiu apoiar a candidatura revolucionária de OteLO.

## RAMALHO EANES NÃO TEM "O CONSENSO DAS FORÇAS ARMADAS"

Os meloantunistas, os independentes sociais-democratas e o GIS estão preocupados em puxar o Eanes para a esquerda. Estas «inteligências políticas» teriam encontrado neste momento duas artimanhas para incompatibilizar o Ramalho Eanes com o PPD e o CDS: a primeira seriam os arranjos militares a nível de Estado-Maior a que já nos referimos no último número do «Revolução», a segunda seria a tentativa de colocar «personalidades progressistas» na lista das 7500 assinaturas que apoiarão Ramalho Eanes. Tal jogada parece avançar agora por parte de Ramalho Eanes que teria pedido ao Melo Antunes e aos seus técnicos para lhe redigirem um programa político.

## KAULZA DE ARRIAGA E A SUA TEIA REACCIONÁRIA

Constando que o general Kaulza tem pretensões a ser o candidato pela reacção e que as assinaturas para a sua candidatura já se encontram em estado bastante avançado, é importante descobrir quem poderão ser as cabeças militares de uma tal teia reaccionária nas Forças Armadas. Para não citarmos senão as altas individualidades com responsabilidades nas Forças Armadas, deixando a continuação da lista para próximos números, avançamos já os seguintes:

no Exército — General Galvão de Figueiredo e general Bettencourt Rodrigues.

na Força Aérea — General Silva Cardoso, comandante Valente e brigadeiro Lemos Ferreira.

na Marinha — Almirante Souto Cruz.

# OS "CONTRATOS SOCIAIS" DA BURGUESIA

Walter Rosa, Ministro da Indústria e Tecnologia do VI Governo, afirmou no Porto: «O esforço pela recuperação da economia nacional, passa por várias actuações, uma delas na disciplina das relações de trabalho, no esforço de todos os trabalhadores no sentido de aumentarem a produção e, também, a produtividade, o que significa pensarmos num contrato social que permita estabelecer um diálogo

construtivo entre os trabalhadores e os empresários, todos empenhados na reconstrução nacional». E de que maneira!!!

O «contrato social» e a disciplina nas relações de trabalho, já os conhecemos muito bem. Enquanto uns esfolum o dinheiro que ganharam explorando a maioria, esta esfola o coirão para os outros comerem à grande. A

«disciplina no trabalho» também é fácil: GNR, Polícia de Choque, fim às greves, desemprego e miséria para os trabalhadores.

Mas, o engenheiro Walter Rosa não diz isto por acaso. Para ele existe um objectivo, «será atingir a produção que seja competitiva, quer dizer que os preços praticados sejam concorrenciais nos mercados internacionais».

Supremo objectivo que tudo justifi-

ca, toda a opressão e exploração.

Não aceitamos os contratos, sr. Walter Rosa, os trabalhadores deste país não querem ser mais explorados, querem TODO O PODER, querem construir a sua sociedade e nela não cabem patrões. Portanto, não nos venha falar em «contratos sociais»; já os conhecemos muito bem e no que eles deram, no pós-guerra, na Europa Capitalista — a continuação da exploração.